



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

LUCIANE SILVA DE SOUZA PRUDENTE

***“O GRITO DAS MINAS NAS HQs”:***  
**UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE GÊNERO E PRODUÇÃO GRÁFICA**  
**NARRATIVA**

Goiânia  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES**

### **E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### **1. Identificação do material bibliográfico**

☒ Dissertação      ☐ Tese      ☐ Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

**Exemplos:** Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### **2. Nome completo do autor**

LUCIANE SILVA DE SOUZA PRUDENTE

#### **3. Título do trabalho**

“O GRITO DAS MINAS NAS HQS”: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE GÊNERO E PRODUÇÃO GRÁFICA NARRATIVA

#### **4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM      ☐ NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Luciane Silva De Souza Prudente, Discente**, em 07/07/2023, às 12:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glauco Batista Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 07/07/2023, às 13:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orga\\_o\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orga_o_acesso_externo=0), informando o código verificador **3878128** e o código **66C24B59C3C**.

LUCIANE SILVA DE SOUZA PRUDENTE

***“O GRITO DAS MINAS NAS HQS”:***  
**UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE GÊNERO E PRODUÇÃO GRÁFICA**  
**NARRATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestra em Antropologia.

**Área de Concentração:** Antropologia Social

**Linha de pesquisa:** Corpo e marcadores sociais da diferença

**Orientador:** Dr. Glauco Batista Ferreira

Goiânia  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Prudente , Luciane Silva de Souza

O GRITO DAS MINAS NAS HQS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO  
SOBRE GÊNERO E PRODUÇÃO GRÁFICA NARRATIVA [manuscrito] /  
Luciane Silva de Souza Prudente . - 2023.

100, f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Glauco Batista Ferreira .

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, ,  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2023.  
Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Feminismo contemporâneo. 2. Histórias em quadrinhos. 3.  
Antropologia visual. . 4. Mina de HQ. I. Ferreira , Glauco Batista ,  
orient. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 006/23-M da sessão de Defesa de Dissertação de **LUCIANE SILVA DE SOUZA PRUDENTE**, que lhe confere o título de Mestra em Antropologia Social, na área de concentração Antropologia Social.

Aos seis dias do mês de julho de 2023, às 14:00 horas, no Auditório Marielle Franco da Faculdade de Ciências Sociais, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de **LUCIANE SILVA DE SOUZA PRUDENTE**, intitulada **“O GRITO DAS MINAS NAS HQS”: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE GÊNERO E PRODUÇÃO GRÁFICA NARRATIVA**. A Banca Examinadora foi composta pelos/as seguintes Professores/as Doutores/as: **Prof. Dr. Glauco Batista Ferreira** (PPGAS/UFG - presidente da banca e orientador); **Profa. Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers** (PPGAS/UFG - membra interna) e **Profa. Dra. Lisabete Coradini** (PPGAS/UFRN - membra externa), tendo como suplentes o **Prof. Dr. Luis Felipe Kojima Hirano** (PPGAS/UFG) e a **Profa. Dra. Maiara Alvim de Almeida** (IFRJ - membra externa). A candidata apresentou seu trabalho, foi arguida pela Banca e respondeu às arguições. Ao final da arguição, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, pelo qual foi atribuído à mestranda o seguinte resultado: **APROVADA** pelos/as seus/suas membros/as. A banca não sugeriu alteração no título do trabalho. **A banca destaca a qualidade da dissertação, as contribuições originais da pesquisa e o comprometimento da mestranda na realização da investigação. Recomenda que a dissertação seja publicada na forma de artigos científicos em periódicos da área de antropologia.** Reabertos os trabalhos, o presidente da banca proclamou os resultados e encerrou a sessão pública, da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por ele e pelas demais integrantes da Banca Examinadora.

**TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA**

Documento assinado eletronicamente por **Glauco Batista Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 06/07/2023, às 19:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Azevedo De Moraes Wichers, Professora do Magistério Superior**, em 07/07/2023, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Suzane De Alencar Vieira, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 07/07/2023, às 14:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3837654** e o código CRC **E1EF4B2C**.

Este trabalho é dedicado ao meu pai, Divino Bispo de Souza (*In Memoriam*). A ele que deixou de forma muito simples um grande exemplo de vida.

## AGRADECIMENTOS

Antes de agradecer as pessoas que contribuíram para que fosse possível a concretização dessa pesquisa, contextualizarei a minha entrada no programa de Antropologia Social. Cheguei com os cabelos louros, presa dentro de minha redoma de vidro. Durante o percurso do mestrado encontrei todos os abismos dentro de mim, deixei que morressem velhos pensamentos e ignorâncias. Saio com os cabelos castanhos, a cor do meu cabelo é simbólica, mostra um pouco da minha transformação, na busca de novos saberes. Meu agradecimento às pessoas que fizeram parte dessa jornada.

Durante esses anos de vida acadêmica, vivenciei alguns momentos difíceis, dolorosos e gratificantes. Foi desafiador fazer o mestrado em meio à pandemia da Covid 19, meu pai faleceu no final do ano de 2021, vítima de acidente de trabalho. Gostaria que ele estivesse aqui, compartilhando comigo mais essa conquista. Agradeço imensamente por ser um incentivador na minha vida escolar, acadêmica e meu maior exemplo de vida. Obrigada Papai!

A minha mãe Eleuza, por ter colaborado e incentivado esta conquista, por cuidar dos meus filhos Matheus e Olívia nos momentos em que estive ausente. Ser mãe e acadêmica traz vários atravessamentos nesse percurso de escrita, reflexão e posicionamento.

Sou grata a minha irmã Edilaine, aos amigos Cássia Ameliana e Delman, e a minha afilhada Esther, que também se dedicaram como rede de apoio no cuidado com as crianças. Obrigada pelo carinho e dedicação.

Ao Wender, agradeço pelos momentos de escuta, reflexões, debates, compreensão, sonhos, afetos, angústias, tristezas e amor. Obrigada por caminhar comigo nessa loucura que é viver. Ao Matheus e Olívia, minha inspiração diária de ser sempre uma pessoa melhor, que esse processo acadêmico seja uma inspiração para vocês.

Nessa caminhada acadêmica, agradeço a várias mulheres, amigas, feministas, quadrinistas, artistas, intelectuais, professoras, com seus debates, com seus afetos, com seus apoios, e com suas artes. Às interlocutoras desta pesquisa, Cátia Ana do @quadrinhosoinfinitos e Gabriela Borges da @Minadehq. Hevellin Estrela e Andreia Acaz, colegas de trabalho, agradeço a compreensão e o apoio para que eu pudesse sair de licença e dedicar ao mestrado, vocês foram fundamentais nessa jornada. Um agradecimento especial à Ruth Aparecida Viana da Silva, pela revisão ortográfica. À Lisianne, Angélica e Marcia, colegas do mestrado, fontes de inspiração e afeto que permitiu desenvolver um outro olhar sobre a categoria “Mulher”. À Marta Quintiliano pelas trocas e conversas sobre os fazeres



antropológicos. Agradeço às professoras que fizeram parte da banca de qualificação e defesa, Prof<sup>a</sup> Dra. Camila Wichers do PPGAS/UFG e Prof<sup>a</sup> Dra. Lisabete Coradini do PPGAS/UFRN, com apontamentos e contribuições pertinentes a minha pesquisa. À psicóloga Suzete, que esteve presente nos momentos difíceis e desafiadores nos últimos anos. Obrigada por sua escuta atenciosa, conselhos e reflexões.

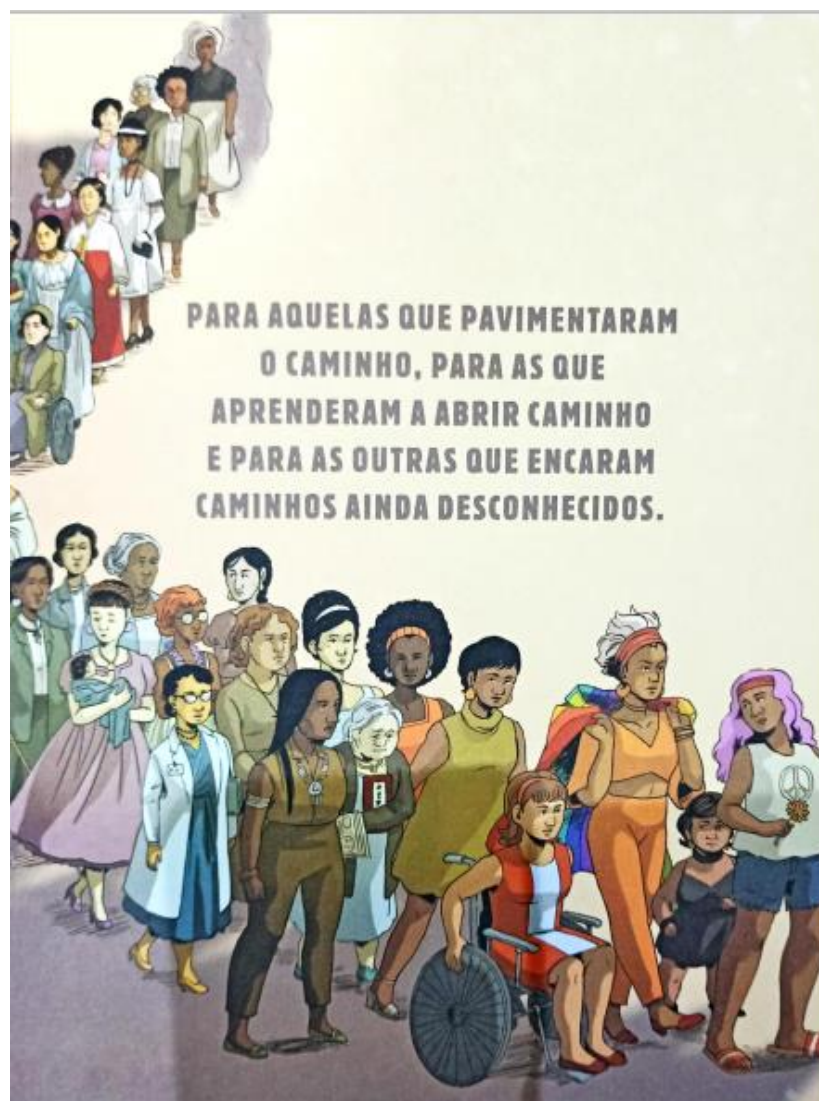
Ao meu orientador Prof. Dr. Glauco Batista Ferreira, é com muita admiração e carinho que gostaria de expressar meu agradecimento pela paciência, afeto e por segurar minha mão nessa caminhada, auxiliando com vários posicionamentos críticos e reflexivos sobre a antropologia, e por suas conversas empolgantes e inspiradoras. Obrigada, professor Glauco, pelo acolhimento e pela escuta.

Agradeço ao Alysso, por nossas conversas, dedicação e amizade nessa caminhada acadêmica. Sou grata pelo nosso grupo de WhatsApp, juntamente com o Ulisses e a Angélica, nossas conversas, os desabafos, os nossos encontros para falar sobre antropologia, e a tal da etnografia.

Ao grupo de estudo LEX – Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores sociais das diferenças, aos professores Dr. Carlos Eduardo Henning e Dr. Glauco Ferreira, pelo convite, e aos demais participantes do grupo, obrigada, pelas discussões, trocas de ideias, leituras, indicações de textos e reflexões.

Agradeço ao PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Retornar à UFG depois de 12 anos foi uma experiência gratificante. Minha eterna gratidão pela Universidade e a Educação Pública.

Agradeço ao IF Goiano, Campus Trindade, por conceder a licença para capacitação. Espero retribuir à comunidade escolar e à sociedade, com mais essa formação, com um pouco do que aprendi e vivenciei com o mestrado.



**Fonte:** KENDALL, Mikki; D'AMICO, E A. Amazonas, abolicionistas e ativistas: uma graphic novel ousada sobre a histórias da luta das mulheres pelos seus direitos. São Paulo, Seoman, 2023.

## RESUMO

Esta pesquisa se constitui como um estudo etnográfico sobre gênero e produção gráfica narrativa das histórias em quadrinhos. Tem por objetivo analisar as narrativas, práticas e visualidades presentes nas produções de quadrinhos independentes realizados por mulheres. O foco da pesquisa está nas construções de subjetividades presentes nos processos de criação destas artistas e nas relações sociais destas quadrinistas situadas no Centro-Oeste brasileiro. Busco compreender as conexões entre a Mina de HQ, mídia multiplataforma independente e feminista sobre histórias em quadrinhos feitas por artistas mulheres, pessoas trans e não binárias e as quadrinistas desta pesquisa. As discussões realizadas no texto trazem debates teóricos na antropologia sobre o trabalho de campo e antropologia das emoções, avançando na revisão sobre etnografia para a internet, as conexões entre lugares *on-line* e *off-line* da pesquisa. Nas relações de gênero nas histórias em quadrinhos, nas contribuições dos movimentos feministas para o universo das HQs e nos aportes das antropologias feministas no que diz respeito à necessidade de maior reflexividade no trabalho de campo e na escrita etnográfica. As implicações metodológicas dessa etnografia discutem alguns aspectos da etnografia multissituada de George Marcus (1995) e a ideia de Sônia Maluf (2011), sobre platôs etnográficos. Para a análise das narrativas gráficas, utilizo uma abordagem socioantropológica, dentro das discussões sobre os marcadores sociais das diferenças, sob o marco teórico da interseccionalidade. Destaco como os desenhos e as práticas de produção de histórias em quadrinhos, e as vivências individuais e coletivas, trazem novas perspectivas, e discussões como gênero, maternidade, ativismo, mercado de trabalho, saúde mental, questões caras as discussões da antropologia contemporânea.

**Palavras-chave:** Feminismo contemporâneo. Histórias em quadrinhos. Antropologia visual. Mina de HQ.

## ABSTRACT

This research is an ethnographic study on gender and narrative graphic production in comic books. Its aim is to analyze the narratives, practices, and visual elements present in independent comic productions created by women. The research focuses on the construction of subjectivities within the creative processes of these artists and the social relationships of these comic artists situated in the Brazilian Midwest. I seek to understand the connections between Mina de HQ, an independent feminist multi-platform media about comics made by women, trans, and non-binary artists, and the comic artists included in this research. The discussions presented in this text engage with theoretical debates in anthropology concerning fieldwork and the anthropology of emotions, advancing the review of ethnography for the internet, and the connections between online and offline research locations. It explores gender relations in comic books, the contributions of feminist movements to the comic book universe, and the insights provided by feminist anthropologies regarding the need for greater reflexivity in fieldwork constitutes and ethnographic writing. The methodological implications of this ethnography discuss aspects of George Marcus (1995) multi-sited ethnography and Sônia Maluf (2011) notion of ethnographic plateaus. For the analysis of graphic narratives, I employ a socio-anthropological approach within the discussions on the social markers of difference under the theoretical framework of intersectionality. I highlight how the drawings and production practices of comic books, as well as individual and collective experiences, bring forth new perspectives and discussions on topics such as gender, maternity, activism, the job market, mental health, all of which are significant to contemporary anthropology.

**Keywords:** Contemporary feminism. Comic books. Visual anthropology. Mina de HQ.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                      |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Figura 1 – Pôster sobre sufrágio Rose O’Neil (1915) .....                            | 27        |
| Figura 2 – Primeira revista feminina norte americana .....                           | 29        |
| Figura3 – Edições da revista Wimmens Comix.....                                      | 29        |
| Figura4 – Capa de Ah! Nana #01 .....                                                 | 30        |
| Figura 5 – A artista Rejane, de Nair de Teffê.....                                   | 31        |
| Figura 6 – Malakabeça, Fanikita e Kabeluda, de Pagu .....                            | 31        |
| Figura 7 – Identidade visual da Lady’s Comics .....                                  | 34        |
| Figura 8 – Gabriela Borges.....                                                      | 35        |
| Figura 9 - Revista Clítoris .....                                                    | 36        |
| Figura 10 - Mina de HQ, identidade visual da marca.....                              | 37        |
| Figura 11 – Colagem de reportagens sobre mulheres e HQs .....                        | 43        |
| <i>Figura 12 - Screenprint da Live, com produções da quadrinista Cátia Ana .....</i> | <i>44</i> |
| Figura 13 – <i>Screenprint</i> do Instagram Mina de HQ .....                         | 45        |
| Figura 14 – Lançamento de livro da quadrinista Cátia Ana .....                       | 47        |
| Figura 15 – Colagem de Fotografias do evento e-cêntrica .....                        | 48        |
| Figura 16 – Capa da coletânea Dossiê Mulheres.....                                   | 51        |
| Figura 17 – Autoralidade.....                                                        | 52        |
| Figura 18 – Cátia Ana.....                                                           | 54        |
| Figura 19 – Esboço 1 da cena etnográfica da escada .....                             | 55        |
| Figura 20 – Esboço 2 da cena etnográfica da escada .....                             | 56        |
| Figura 21 – Esboço 3 e 4 da cena etnográfica da escada.....                          | 57        |
| Figura 22 – Arte final da Cena etnográfica da Escada .....                           | 58        |
| Figura 23 - Colagem das capas das revistas Mina de HQ .....                          | 60        |
| Figura 24 – Colagem do quadrinho Mater.....                                          | 65        |
| Figura 25 - Colagem do quadrinho Materialização da feminilidade .....                | 69        |
| Figura 26 – Colagem do quadrinho sobre maternidade.....                              | 71        |
| Figura 27 – Leve mente insana.....                                                   | 71        |
| Figura 28 – Colagem dos quadrinhos os Santos.....                                    | 72        |
| Figura 29 – O que os filhos ensinam às mães?.....                                    | 73        |
| Figura 30 – A vida é impermanente.....                                               | 74        |
| Figura 31 – Por que votar em mulheres?.....                                          | 75        |
| Figura 32 – Guerra na Ucrânia.....                                                   | 76        |

|                                                                                  |    |
|----------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 33 – O que te traz lembranças?.....                                       | 77 |
| Figura 34 – Colagem da capa 3ª edição da Revista da Mina de HQ .....             | 78 |
| Figura 35 – Criação da quadrinista indígena Tai .....                            | 79 |
| Figura 36 – Colagem do quadrinho “somos semente” .....                           | 79 |
| Figura 37 – Colagem do quadrinho para o Dia das Mães .....                       | 80 |
| Figura 38 – Oficina criando histórias em quadrinhos .....                        | 84 |
| Figura 39 – Colagem de fotos da Oficina e da Exposição de HQs .....              | 84 |
| Figura 40 - – <i>Screenprint</i> do Instagram Mina do Clube Historieta 13ª ..... | 85 |
| Figura 41 – Entrevistas ilustradas Emil .....                                    | 87 |

## **LISTA DE QUADROS E TABELAS**

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 – Divisão das HQs em eixos Narrativos.....   | 61 |
| Tabela 2 – Artistas, quadrinistas e suas regiões..... | 62 |

## **LISTA DE SIGLAS**

|          |                                                                                                                         |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ABNT     | - Associação Brasileira de Normas Técnicas                                                                              |
| ASPAS    | - Associação de Pesquisadores de Arte Sequencial                                                                        |
| ECA      | - Escola de Comunicações e Artes                                                                                        |
| FAV      | - Faculdade de Artes Visuais                                                                                            |
| HQs      | - Histórias em quadrinhos                                                                                               |
| LGBTQIA+ | - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais orientações |
| MHQ      | - Mina de HQ                                                                                                            |
| USP      | - Universidade de São Paulo                                                                                             |
| UFG      | - Universidade Federal de Goiás                                                                                         |
| PPGAS    | - Programa de Pós-graduação de Antropologia Social                                                                      |



## SUMÁRIO

|              |                                                                                                     |           |
|--------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                             | <b>15</b> |
| <b>2</b>     | <b>“ELAS PRODUZEM” - RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....</b>                | <b>23</b> |
| <b>2.1</b>   | <b>Trajetória histórica e cultural das mulheres nas histórias em quadrinho.....</b>                 | <b>27</b> |
| <b>2.2</b>   | <b>De onde viemos e para onde vamos? HQs e os movimentos dos feminismos contemporâneos.....</b>     | <b>32</b> |
| <b>2.2.1</b> | <b>Mina de HQ – “Esse é um projeto político, assim como minha escolha editorial” ..</b>             | <b>35</b> |
| <b>3</b>     | <b>“MUNDOS POSSÍVEIS” - DILEMAS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS</b>                                        | <b>39</b> |
| <b>3.1</b>   | <b>Construção de uma relação: lugares on-line e off-line da pesquisa .....</b>                      | <b>41</b> |
| <b>3.2</b>   | <b>A “Escada” - da certeza a vulnerabilidade.....</b>                                               | <b>46</b> |
| <b>4</b>     | <b>“CORPOS QUE NARRAM” - NAS FRESTAS DO DISCURSO HEGEMÔNICO, AS MULHERES (R)EXISTÊM. ” .....</b>    | <b>60</b> |
| <b>4.1</b>   | <b>“Mater” - Gênero, reprodução, sexualidade, raça e direitos sexuais e reprodutivos.....</b>       | <b>64</b> |
| <b>4.1.1</b> | <b>A maternidade e suas construções sociais.....</b>                                                | <b>68</b> |
| <b>5</b>     | <b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO.....</b>                                                            | <b>82</b> |
|              | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                             | <b>88</b> |
|              | <b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS QUADRINISTAS DO CENTRO-OESTE. ....</b> | <b>95</b> |
|              | <b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A MINA DE HQ.....</b>                     | <b>97</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Percebo que o olhar para as histórias em quadrinhos, como interesse de pesquisa, inicia-se ao longo da minha construção como pessoa, o que corrobora a defesa Edward Evans-Pritchard (2005, p. 244), que “[...] o que se traz de um estudo de campo depende muito daquilo que se levou para ele”, ou seja, a condução da pesquisa, o conjunto de experiências anteriores da antropóloga, não apenas as acadêmicas, mas todas que passam pelos sentidos e pela subjetividade.

Na infância começa o meu contato com as histórias em quadrinhos (HQs). Meu pai era motorista de ônibus e nas paradas obrigatórias sempre comprava gibis. A convivência com um pai leitor de histórias em quadrinhos pode ter influenciado e despertado o encantamento por esse universo. Desde que terminei minha graduação em Biblioteconomia, e comecei a trabalhar em bibliotecas, no ano de 2009, busquei inserir HQs no acervo das unidades informacionais, em que atuei, em várias bibliotecas universitárias com cursos de pedagogia e letras, o que contribuiu para tal ação. Os assuntos sobre formação de leitores, histórias em quadrinhos em sala de aula me intrigava, pois tinha professores que trabalhavam com os quadrinhos como apoio pedagógico de incentivo ao letramento e outros que discutiam a sua legitimação.

Em 2014 comecei a trabalhar nas bibliotecas do Instituto Federal Goiano, segundo Maria Aparecida Brito Santos, Luciana de Souza Gracioso e Roniberto Morato de Amaral (2018), as práticas de ações voltadas à formação do leitor e hábito de leitura são necessárias e pertinentes às bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, dado ao grande público usuário ser composto de jovens e adolescentes, dos cursos de nível médio. Foi nessa época que comecei a interessar-me pelas HQs como fonte de pesquisa. Em 2016, desenvolvi um projeto de extensão denominado: *“Histórias em quadrinhos no processo de formação de leitores infanto-juvenis”*. Na sua criação, esse projeto foi influenciado pelo acompanhamento que fazia entre os e as discentes, sobre os filmes de super-heróis da Marvel Comics e DC Comics<sup>1</sup>. Com isso, as histórias em quadrinhos ganharam as pautas da biblioteca, dos projetos de extensão, da semana da biblioteca, entre outras atividades.

Com o olhar mais crítico sobre as HQs de super-heróis, especificamente as figuras femininas inseridas nessas narrativas, suas performances e seus desenhos, que surgiram os

---

<sup>1</sup> São editoras norte-americanas de histórias em quadrinhos de super-heróis. Franquias de entretenimento dos universos das histórias em quadrinhos.

meus primeiros questionamentos sobre questões de gênero, sexualidade e as narrativas gráficas. Reflexões a partir da minha percepção sobre a representação do feminino, o olhar masculino sobre essas performances, as narrativas de violência, a sexualização exacerbada e a mulher representada como objeto sexual. Todas essas questões me levaram a desenvolver meu projeto de pesquisa para a seleção do mestrado.

Durante o meu primeiro ano de mestrado, ao realizar as leituras e atividades das disciplinas, deparei com reflexões e provocações, especificamente no campo da antropologia visual. Dentre os temas abordados, destaco as relações entre antropologia e a cultura visual, as diversas formas de visualidades e suas diferenças, as críticas às imagens coloniais e eurocêntricas, masculinistas e heterossexistas. Essas novas perspectivas levaram-me a questionar as desigualdades entre homens e mulheres cis, mulheres trans e pessoas não binárias no universo das histórias em quadrinhos, que são constituídas e reproduzidas por meio de mecanismos culturais de diferenciação. Nesse sentido, passei a interessar-me pelas produções de histórias em quadrinhos independentes feitas por mulheres.

A partir dos questionamentos e dos novos saberes, minha proposta de pesquisa se ampliou e os primeiros contornos foram esboçados. O próximo desafio foi pensar no trabalho de campo, pois estávamos em uma crise sanitária mundial da COVID-19. Nesse momento, abracei mais um ensinamento de Evans-Pritchard (2005, p. 244), no qual enfatiza que “[...] o antropólogo deve seguir o que encontra na sociedade que escolhe estudar: a organização social, os valores e sentimento do povo, e assim por diante”. Adaptei a minha pesquisa às novas condições impostas pela pandemia, metodologias e estratégias de coleta de dados.

Nesse contexto, comecei a seguir e consumir *Webcomics*<sup>2</sup>, quadrinhos digitais, participei de vários eventos *on-line*, *lives* no Instagram e Youtube. Participei de uma oficina de desenho de quadrinhos experimentais do SESC Consolação de São Paulo, via plataforma digital *on-line*, entre os dias 21 de setembro de 2021 a 19 de outubro de 2021. Durante a oficina, acompanhei a criação artística de alguns quadrinistas, o roteiro de criação, o processo criativo, desenho, colorização e diagramação. Além disso, tive oportunidade de fazer parte da Associação de Pesquisadores de Arte Sequencial (ASPAS)<sup>3</sup> e participei de dois eventos acadêmicos sobre HQs, sendo: a Cyberjornada Internacional de Histórias em Quadrinhos do Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da

<sup>2</sup> São quadrinhos distribuídos, publicados em blogs, redes sociais, website, em aplicativos para celular, esse formato recebe o nome de webcomics (internet). (EDGAR FRANCO; CÁTIA ANA, 2017, p. 37-45)

<sup>3</sup> ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES DE ARTE SEQUENCIAL. Disponível em: <https://blogdaaspas.blogspot.com/>. Acesso em: 11 abr. 2023.

Universidade de São Paulo (USP); e o VI Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial. Nesses dois eventos participei com a comunicação de trabalho. Essas experiências me aproximaram do meu campo de pesquisa. Pude compartilhar minhas ideias e perspectivas com outros e outras pesquisadoras, e o acesso a bibliografias especializadas sobre mulheres e quadrinhos.

Todas essas atividades e vivências foram registradas em meu diário de campo. Compreendi as dificuldades e refleti sobre as relações de gênero presentes no universo dos quadrinhos. A partir dessa reflexão, defini quais e quem seriam as minhas possíveis interlocutoras: mulheres que produzem quadrinhos independentes e abordam temas como feminismo, questões de gênero, sexualidade, corpo, raça/cor e outros marcadores sociais das diferenças.

De acordo com Lila Abu-Lughod (2020), as construções teóricas sustentam uma perspectiva de que a relação estabelecida pela antropóloga e as interlocutoras pode ser ela mesma um dado da pesquisa. Tendo essa sugestão da autora, um excelente exemplo que elucida as minhas relações em campo, foram os primeiros obstáculos que enfrentei. A dificuldade inicial foi justamente estabelecer o contato com as mulheres quadrinistas, com uma constante falta de respostas via redes sociais, uma não receptividade nos eventos e hesitação em participar da etnografia.

A maioria das mulheres com as quais entrei em contato se identificam como lésbicas, mulheres trans e mulheres negras. A minha identificação como uma mulher branca, cisgênero, de classe média, estando num relacionamento heterossexual, talvez, considero, tenha dificultado uma abertura de proximidade com algumas destas artistas. Comecei a refletir que talvez essas primeiras dificuldades já fossem, em certo sentido, os meus primeiros contatos com meu tema de pesquisa. A partir de algumas observações em campo, eventos, livrarias, conversas informais e desabafos das artistas via redes sociais, fui entendendo questões sociais e culturais do universo das HQs. O cansaço ou esgotamento de algumas de minhas possíveis interlocutoras, de serem vistas como “outras”, que sempre são convidadas a falar sobre suas vivências e experiência de serem mulheres que produzem quadrinhos, como se existisse só um tipo de mulher no mundo ou se o traço e as narrativas fosse algo próprio do “Gênero”.

A partir desses contextos, comecei a questionar as ferramentas metodológicas e teóricas para a realização desta etnografia. Para Marcio Goldman (2006), é fundamental na antropologia o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal. Para o autor, a 'alteridade' é a questão central da disciplina, o princípio que orienta e influi, mas

também limita a prática do fazer antropológico. No que diz respeito à necessidade de maior reflexividade no trabalho de campo e na escrita etnográfica, dialogo com os aportes das antropologias feministas de Lila Abu-Lughod (2018), Donna Haraway (2019), Maria Lugones (2019), Sherry Ortner (2007).

Diante do exposto, comecei a pensar a forma como as mulheres artistas produzem seus quadrinhos, enquadrando este meu interesse de pesquisa nas relações entre campo e teoria, numa perspectiva da antropologia contemporânea, que segundo Sônia Maluf (2010, p. 44), é “[...] a produção de conceitos e os modos de conceitualização e de criatividade se constituem e se diferenciam, ou não, em cada um desses campos”. E as questões como alteridade e diferença se articulam. Foi nessa perspectiva que me aproximei da Mina de HQ (MHQ), uma mídia multiplataforma que está entre os canais de cultura pop e nerd sobre gênero mais relevantes do Brasil. Por meio da Mina, construí o meu campo de pesquisa.

A Mina de HQ é referência para quem tem interesse em histórias em quadrinhos mais diversas, conhecer quadrinistas mulheres, trans, e pessoas não binárias e criar estratégias de comunicação por meio das HQs<sup>4</sup>. Na pesquisa, apresento uma análise antropológica da produção de quadrinhos por mulheres artistas, relacionando essas obras com as teorias contemporâneas de alteridade e marcadores sociais das diferenças<sup>5</sup>.

Assim, este estudo etnográfico tem por objetivo analisar as narrativas, práticas e visualidades presentes nas produções de histórias em quadrinhos independentes realizadas por mulheres que se definem como artistas e ilustradoras. Para Waldomiro Vergueiro (2017), para entender a linguagem de um determinado meio de comunicação, como as histórias em quadrinhos, é necessário compreender seu processo de produção e consumo. Neste intento, analisei as construções de subjetividades presentes nos processos de criação destas artistas e as relações sociais destas quadrinistas do Centro-Oeste, em parceria com a Mina de HQ. Por

---

<sup>4</sup> Essa definição retirei do Site da Mina de HQ, no decorrer do trabalho apresento a MHQ de acordo com o trabalho de campo, a minha participação nos projetos, conversas com a Gabriela Borges criadora e editora chefe da MHQ e as conexões entre as artistas. MINA DE HQ. Disponível em: <https://minadehq.com.br/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

<sup>5</sup> O termo Marcadores sociais das diferenças utilizado nessa dissertação, se refere aos conceitos levantados por Luis Felipe Kojima Hirano, Mauricio Acuña e Bernardo Fonseca Machado (2019, p 22): “marcadores sociais das diferenças é entendido como uma forma de análise que busca pensar as relações entre gênero, sexualidade, classe, raça/cor, entre outras categorias, contextualmente. Ao passo que a perspectiva interseccional mobiliza a noção de marcadores como um auxiliar da análise, que contribui para a compreensão da sobreposição de exclusões. Essas perspectivas enriquece as interpretações sobre os modos de diferenciação, nomeação, hierarquização e produção de desigualdades em contextos diversos”.

intermédio da MHQ, conheci a quadrinista Cátia Ana, que reside e é de Goiânia. Mesmo sendo eu e ela da mesma região, não tínhamos contato uma com a outra.

Nessas circunstâncias, o trabalho de campo foi desenvolvido em três frentes: *off-line e on-line*. *In loco* na cidade de Goiânia, com as visitas presenciais em eventos, feiras, e livrarias especializadas em HQs e entrevistas presenciais; e, em outro contexto de campo, em âmbito documental, em que foram analisados alguns quadrinhos físicos e digitais, e, *on-line*, em participação em clube de histórias em quadrinhos, *lives*, oficinas, entrevistas *on-lines*, conversas por Whatsapp e chat do Instagram.

A etnografia é assim, principalmente, construída em torno da mídia multiplataforma Mina de HQ. As implicações metodológicas desta pesquisa discutem alguns aspectos da etnografia multissituada de George Marcus (1995), que vai além de uma pesquisa local, com *locus* em Goiânia, mas que é perpassada também pelo trabalho de análise e de interlocução com documentos, isto é, com os quadrinhos físicos e digitais, adentrando assim numa discussão entre *off-line* e *on-line*. Essa metodologia é a forma de encarar o trabalho de campo, que usualmente é reivindicada em pesquisas transnacionais, trazendo alguns elementos de uma etnografia com características que rompem fronteiras entre local e global, operando com aspectos de uma pesquisa mais abrangente, pois o objeto de minha investigação, a Mina de HQ, envolveu a realização de entrevistas com artistas de variados locais, rompendo assim as fronteiras de sua atuação local ou de minha localização no Centro-Oeste.

Observamos tal empreendimento em duas entrevistas que estão nas revistas Mina de HQ número 001/2020 e o número 002/2021, entre a cartunista, quadrinista e artista plástica Colombiana-Equatoriana PowerPaola e a escritora, cartunista e quadrinista Norte-Americana Emil Ferris. Apontando assim para a potencialização da Mina de HQ nas redes nacionais e internacionais, na produção de cartunistas, ilustradoras e quadrinistas com foco em debates de gênero, sexualidade e de outros marcadores sociais das diferenças.

A metodologia multissituada de Marcus (1995), dialoga na mesma perspectiva com a proposta metodológica de Sônia Maluf (2011, p. 10), quando ela sugere a ideia de platôs etnográficos. Segundo a autora, esta ideia propicia a prática etnográfica em diferentes níveis de participação e de observação, articulando planos ou platôs diversos, com diferentes intensidades e dinâmicas de agenciamentos individuais e coletivos periféricos; rastreamento de sujeitos e práticas; conversas e entrevistas sistemáticas; observação direta e participação em cursos; oficinas e todo tipo de vivência coletiva que forma a rede “alternativa”; e, o mapeamento e a leitura de publicações.

Na tentativa de sintetizar o que vivi em campo, utilizei como método de coleta de dados o diário de campo, com registro da câmera do celular, fotografias, áudios das entrevistas, fonte de pesquisa, o site da Mina de HQ, print *screen* de lives, postagens em redes sociais, Youtube, desenhos, histórias em quadrinhos físicos e digitais. Por questões éticas, solicitei autorização do uso das imagens que estão nessa dissertação. Cabe aqui pontuar e avisar aos/às leitores/as: que optei em casos específicos, pela utilização de nomes reais de duas de minhas interlocutoras, que são a quadrinista Cátia Ana de Goiânia e a criadora e editora chefe da mídia multiplataforma Mina de HQ, Gabriela Borges. No entanto, em algumas partes do trabalho utilizo alguns nomes fictícios, situações nas quais situo a leitora e o leitor em notas de rodapé. Adotei esses nomes fictícios para preservar o anonimato de alguns atores sociais, em cenas etnográficas específicas, em conversas informais, visita a livrarias, feiras, eventos, *lives*, clube de leitura de HQs, contextos e situações específicas nos quais, em geral, os contatos foram mais efêmeros e momentâneos.

Considero importante ressaltar que a escrita no diário de campo partiu de uma análise da antropologia de narrativas de Sônia Maluf (1999) e Lila Abu-Lughod (2020). As conversas presenciais, *on-line* e as narrativas desenhadas (as histórias em quadrinhos) foram transcritas densamente no diário de campo, após cada história, conversas dessas mulheres artistas. Utilizo grafias diferentes para a transcrição das narrativas, expressões, frases e discursos, realizadas pelas interlocutoras privilegiadas da pesquisa e por outras/os atores sociais, que compõem a cena etnográfica dessa dissertação; e, optei por utilizar a grafia em itálico.

Resta também dizer que esta pesquisa tem um aspecto político em relação à transcrição dos nomes das autoras e autores referenciados. Como bibliotecária, é importante abrir um parêntese para essa questão que foge às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As citações das autoras e autores no texto, coloco o “Nome” e “Sobrenome” de forma intencional. A minha postura política em relação às normas de citações tem como justificativa as relações sociais e as maneiras de se fazer histórias em quadrinhos, as críticas ao patriarcado e as violências de gênero nas práticas de sociabilidade<sup>6</sup>, produção e consumo, sobretudo, o apagamento e inviabilidade de mulheres artistas. E, com a Universidade como o lugar de se produzir ciência, infelizmente está pautada por

---

<sup>6</sup> O termo sociabilidade utilizado nessa etnografia, se refere a discussão proposta por Deyse Brandão (2021), sobre a socialização artística como um lugar praticado, convivência, ponto de encontro entre artistas desenhistas e o público, a importância simbólica da sociabilidade nestes contextos de produção cultural, lugar que é apropriado pelos seus usos, ou seja, pelos sujeitos históricos que especificam seus espaços através de suas ações. Ensinar, aprender, trocar ideias, desenhar, pintar, criar. Práticas que constituem os fazeres artísticos por meio da aprendizagem, trocas e experimentação estética. (BRANDÃO, 2021, p. 85).

ensinamentos, pensamentos supremacistas branco e patriarcal. Tal ação minha foi inspirada ou está pautada na fala do professor kabengele Munanga na aula inaugural do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás – PGAS/UFG<sup>7</sup>, sobre “Antropologia, colonização e colonialismo”, realizada no dia 10 de agosto de 2021, “não se faz ciência sem consciência dos problemas da sociedade, ciência sem consciência, não muda a relação do saber colonial operante em nosso meio, precisamos mudar os paradigmas, a descolonização.

Nessa mesma direção a autora feminista bell hooks (2017, p. 223), no livro ensinando a transgredir, fala-nos que “esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você”. Em vários momentos da escrita acadêmica, em participação em eventos, sala de aula, tive contato com esse território opressor da academia, que limita, torna-se arma capaz de envergonhar, humilhar e colonizar o fazer científico. Na mesma perspectiva Grada Kilomba (2019, p. 14), fala que por mais que a língua seja poética, a linguagem também carrega uma “dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violências, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade”. Foi por meio de bell hooks (2017), Grada Kilomba (2019) e do texto de Gloria Anzaldúa (2000) em carta para mulheres escritoras do terceiro mundo, que tive uma ideia de como gostaria de construir e dar o tom ao meu texto, especialmente, quando a Anzaldúa (2000, p. 225) fala, “mulher mágica, se esvazie. Choque você mesma com novas formas de perceber o mundo, choque seus leitores da mesma maneira. Acabe com os ruídos dentro da cabeça deles”. O intuito de fugir das normas de citações são formas de reparação ao apagamento epistêmico; é criar ruídos dentro desses métodos e técnicas de organização da informação; é dar nome e sobrenome às mulheres dessa pesquisa, artistas, ilustradoras e quadrinistas, para além dos elementos pós-textuais do referencial bibliográfico.

Para a condução da pesquisa, os capítulos da dissertação estão divididos da seguinte forma: o primeiro capítulo intitulado “Elas produzem” – Relações de gênero e poder nas histórias em quadrinhos, traz uma abordagem histórica das mulheres como produtoras de histórias em quadrinhos, o mercado editorial, a utilização das redes sociais como forma de

---

<sup>7</sup> AULA INAUGURAL PPGAS/UFG: Prof. Dr. Kabengele Munanga (USP) “Antropologia, Colonização e Colonialismo”. Apresentação e Mediação: Prof. Dr. Alex Ratts e Profa. Dra. Luciana de Oliveira Dias. Realização: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS). [S. l.: s. n.], 2021, 1 vídeo (2h. e 20 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CeFfvBtyh0U>. Acesso em: 14 mar. 2023.



divulgação e marketing na produção e consumo dos quadrinhos. Para tal, realizou-se um levantamento bibliográfico da literatura especializada a respeito das HQs e mulheres.

O segundo capítulo “Mundos possíveis” – Dilemas teóricos e metodológicos, contextualizo os meus posicionamentos no trabalho de campo, a escolha dos instrumentos de coleta de dados. Aprofundo-me nas análises das categorias sobre etnografia para a internet, as conexões entre o *on-line* e *off-line* da pesquisa. Nas relações estabelecidas em campo, os contributos da antropologia visual, das emoções, dos afetos para compreensão das práticas, visualidades, sociabilidades presentes nas produções de quadrinhos independentes no cenário local de Goiânia, e nas conexões com a Mina de HQ. Destaco as questões levantadas pela Joane Rappaport (2007), para quem o campo da pesquisa deve ser um espaço de construção e interpretação coletiva, e assim desenvolvo essa discussão da autora por meio da cena etnográfica da feira e-cêntrica realizada em Goiânia nos dias 11 e 12 de junho onde, em parceria com a quadrinista Cátia Ana, interlocutora privilegiada dessa dissertação, fizemos uma ilustração da “escada”, cena fundamental para a co-teorização da etnografia em colaboração.

O terceiro capítulo, “Corpos que narram” – nas frestas do discurso hegemônico, as mulheres (r)existem, por meio das narrativas gráficas das revistas da Mina de HQ, edições de 2020, 2021 e 2022, utilizo os quadrinhos dentro das discussões sobre os marcadores sociais das diferenças, sob o marco teórico da interseccionalidade. A partir desse conceito, a construção da abordagem de análise socioantropológica foi construída em torno da categoria “maternidade”. Apresento as discussões que as revistas da MHQ traz em forma de narrativas gráficas, reflexões, críticas, dilemas sobre questões de gênero, raça/cor, classe social, com o recorte sobre a corporificação feminina, habilidades relacionadas à maternidade.

Nas considerações sobre o estudo, a última parte da dissertação, faço uma breve retrospectiva da pesquisa, contribuições que considero importantes para a campo da Antropologia. Os estudos dos quadrinhos em outras áreas, como a Comunicação, Artes, História e Estudos literários já estão consolidadas. No campo disciplinar da antropologia, é algo novo e experimental. A partir do recorte apresentado nessa dissertação, espero poder contribuir para a temática sobre mulheres pesquisadoras, artistas, quadrinistas e ativistas desse universo. Espero que surjam provocações, novos desafios entre os estudos antropológicos e o universo das HQs, como um lugar de sistemas culturais e manifestação da atividade humana por meio do desenho e das imagens.

## 2 “ELAS PRODUZEM” – RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

*“Trata-se de uma afirmação muito comum no discurso pós-moderno: tudo já foi feito, principalmente, todas as histórias já foram contadas. Será? Será que já contamos todas as histórias sobre o parto, a experiência de um parto normal? A experiência de uma cesárea? A dor de dar à luz a um bebê morto? Sobre a violência obstétrica, sobre a depressão pós-parto, sobre amamentação? Sobre não querer amamentar e sobre não poder amamentar? Será que já contamos todas as histórias sobre a experiência da menstruação? E da menopausa? Quantos romances falam sobre a menopausa? Será que já contamos todas as histórias sobre esterilização forçada, sobre não querer ser mãe, sobre querer ser mãe e não poder, sobre ter um filho negro ou indígena ou homossexual ou trans, sobre o medo da violência das pessoas e instituições sobre esse filho? Será que já contamos todas as histórias sobre o que significa ser uma mulher negra? E uma mulher indígena? E sobre mulheres e homens trans? Será que já contamos todas as histórias sobre o sexo de duas mulheres? E sobre o amor entre duas mulheres? Será que já contamos todas as histórias sobre aborto? Sobre aborto espontâneo de um filho desejado, e sobre aborto malfeito, sobre a menina que engravida e é obrigada a ser mãe, sobre a menina que engravida? Será mesmo que todas as histórias já foram contadas?”*  
(CAROLA SAAVEDRA, 2021, p. 61)

No dia 08 de janeiro de 2021, no canal do Youtube da Mina de HQ<sup>8</sup>, Gabriela Borges, fez uma reflexão com o texto da Carola Saavedra para divulgar quadrinhos diversos sobre a temática LGBTQIA+<sup>9</sup>. *Será que todas as histórias foram contadas? Será que a gente já leu, já ouviu tudo que a gente precisava quando a gente fala de histórias em quadrinhos? Será que todas as histórias já foram contadas nas HQs?* (BORGES, 2021).

<sup>8</sup> SERÁ que todas as histórias já foram contadas? Produção Mina de HQ, editora chefe Gabriela Borges. [S. l.: s. n.], 2021, 1 vídeo (7 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oVwuE7dd6BA>. Acesso em: 1 maio 2021.

<sup>9</sup> LGBTQIA+ é a sigla usada para se referir as pessoas: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais; o + engloba todas as outras orientações ainda pouco debatidas, conhecidas ou representadas. (LAGE, 2022, p. 40).

Nessa mesma perspectiva, no Clube Historieta, no encontro sétimo, no dia 14 de abril de 2022, uma participante colocou o seguinte questionamento: *Se nós não contarmos nossas histórias quem irá contar?* (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL, 2022). Acrescento outra fala do mesmo encontro: *Eu fico intrigada, parece que nós mulheres somos autorizadas a falar um certo tipo de assunto, só é válido a mulher falar coisas de mulher.* (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL, 2022).

Essas falas e vivências com as quais tive com o trabalho de campo, fizeram-me questionar, quem são essas mulheres que contam essas histórias em quadrinhos? São mulheres cis, trans, não-binárias, lésbicas, bissexuais, brancas, negras, indígenas, asiáticas, altas, baixas, magras, gordas etc. Conhecer esse lado das mulheres que são criadoras, ilustradoras, quadrinistas, são os apontamentos que conduziram as investigações dessa pesquisa. Convido a leitora e o leitor a conhecer as pesquisadoras de quadrinhos das bibliografias especializadas e as interlocutoras. Nesse mergulho nas narrativas dessas mulheres, o capítulo é construído com uma breve introdução sobre o surgimento do que hoje entendemos como histórias em quadrinhos, as histórias das mulheres como produtoras de HQs, o mercado editorial e a utilização das redes sociais como forma de ativismo feminista.

Trazer as mulheres para a discussão dessa pesquisa é também agradecer as histórias que já foram contadas. Só foi possível a realização desta dissertação, porque outras mulheres trilharam um caminho de estudos, pesquisas e de batalhas para que quadrinistas e artistas conseguissem algum espaço para contar suas narrativas. Mariela Acevedo (2020, p. 28), corrobora com a seguinte fala sobre mulheres e quadrinho: “desenhar, contar e ler (e também comentar e recomendar) histórias em quadrinhos é um ato político”.

Seguindo nessa direção entre arte e política, Glauco Ferreira (2017), nos convida a pensar como a arte e seus desdobramentos e concepções potencializam formas e poderes que as imagens constituem outras representações, e como essas artes favorecem a construção de novas imagens, saindo do aspecto das representações estereotipadas e constituindo novas subjetividades. Nessa perspectiva, Sônia Luyten (2019), fala da importância dos quadrinhos produzidos por mulheres, as imagens e discursos apresentam o seu modo de pensar o mundo, as questões sociais, política, a economia, os conflitos e reforça: “Sou a mulher que sou e não aquela que os outros querem que eu seja.” (LUYTEN, 2019, p. 21).

A pesquisadora ressalta que abraçar a arte como profissão já é um esforço incansável para a nossa realidade brasileira, mas ser ilustradora, cartunista, acrescento também o termo

quadrinista, jornalista ou pesquisadora de histórias em quadrinhos, é uma luta ainda mais perseverante numa carreira predominantemente masculina.

Cabe ressaltar duas questões sobre o recorte da pesquisa, a primeira é que as discussões, os referenciais teóricos são sobre uma perspectiva ocidental das produções das HQs; a segunda é sobre os posicionamentos das pesquisadoras, interlocutoras, quadrinistas e ilustradoras, utilizo aqui o conceito de ativismo social de Ana Maria Veiga e Sônia Maluf (2019), e Glauco Ferreira (2017), que trazem as relações entre arte e política. No decorrer da pesquisa, exploro as possibilidades e o potencial crítico desse “ativismo” e as relações com as narrativas gráficas e os movimentos feministas.

Partindo desses princípios entre a nona arte<sup>10</sup>, como são chamadas as histórias em quadrinhos, e a noção de um sujeito político dotado de agências e poder, abro um parêntese e coloco as pesquisas acadêmicas sobre histórias em quadrinhos como um ato político, especialmente as realizadas por mulheres. “Embora as estruturas patriarcais em geral subjacentes às hierarquias acadêmicas permanecem intactas” (bell hooks, 2020, p. 147), os estudos feministas criaram revoluções culturais epistemológicas. É interessante entender os feminismos como movimentos sociais, políticos e teóricos, e suas relações com as histórias em quadrinhos como parte de uma cultura visual, como produção de novas representações, linguagens e subjetividades de uma contranarrativa.

De acordo com Sônia Luyten (1985), as origens das HQ poderiam ser rastreadas e associadas aos primórdios das manifestações humanas com as inscrições rupestres na caverna, como este prevemos registros gráficos de histórias e narrativas. Para a autora, já havia preocupação de narrar os acontecimentos através de desenhos sucessivos, em ordem de acontecimentos que pudessem ser recapitulados, tal como no caso dos quadrinhos, nos quais a ideia de sequencialidade é importante. Na história, existiram várias manifestações que se aproximam, se utilizarmos um critério mais amplo de comparação, daquilo que hoje chamamos gênero dos quadrinhos, materiais e empreendimentos técnicos foram utilizados para registrar as histórias e outras narrativas importantes, tais como os mosaicos, afrescos, tapeçarias, entre outras técnicas utilizadas.

---

<sup>10</sup> A numeração das artes é a prática de determinar números para indicar manifestações artísticas. No começo, eram consideradas artes apenas: dança, escultura, literatura, música, pintura e teatro. Mas no “Manifesto das Sete Artes”, publicado em 1923, o teórico e crítico de cinema Ricciotto Canudo propôs que o cinema fosse considerado a sétima arte, pois o entendia como a mais completa entre elas. Posteriormente, outras formas de arte foram apresentadas, como é o caso da nona arte, que hoje é uma expressão usada para denominar os quadrinhos. (LAGE, 2022, p. 21).

Barbara Postema (2018), discorre que alguns teóricos tomam como marco inicial para a história das HQs o final do século XIX e início do século XX, como conhecemos atualmente, com tirinhas, desenhos, escritas em balões etc. O aparecimento dos quadrinhos na América do Norte foi criação de Richard F. Outcault para o jornal *New York World*, canal de comunicação de massa, sendo acessíveis a um número maior de pessoas, os quadrinhos passaram a ser fator determinante na venda dos jornais da época. O fenômeno das histórias em quadrinhos se deu pela explosão da imprensa. Coloco de forma bem simples essa expansão dos quadrinhos norte-americanos, pois o Brasil sofreu grande influência desse fenômeno cultural; daria outra pesquisa falar sobre suas origens e desdobramentos. Como não é o foco deste estudo, não vou me aprofundar nas origens dos quadrinhos. No que diz respeito ao intuito deste estudo, cabe aqui pontuar o contexto histórico, cultural e social para o surgimento dessa mídia e a articulação dessas sociabilidades de mulheres nesse universo.

As histórias em quadrinhos se adaptaram e se integraram ao contexto histórico no qual estavam inseridas, sendo que os personagens e os enredos se tornam expressões dos anseios, valores, preconceitos e mesmo das frustrações de seus criadores, eles mesmos produtos de sua época. Nos quadrinhos estão as representações do real, ou daquilo que no que se deseja transformar a realidade. (NOGUEIRA, 2010, p. 2).

As HQs se tornaram reflexos dos momentos históricos, sociais e culturais do seu tempo. É importante ressaltar como foi a origem das histórias, as transformações e o papel dos quadrinhos na sociedade, as mudanças tecnológicas, sociais e culturais para entender as relações de gênero e o movimento social do feminismo dentro dessa mídia como um espaço de expressão e representação, que vem ganhando força e lugar na sociedade ao longo do século XX e XXI.

O antropólogo Ricardo Campos (2012), chamou de cultura visual o sistema formado por um conjunto de particularidades, condição contemporânea da nossa cultura ocidental, industrializada, globalizada e consumista, marcada por um convívio próximo com as mídias audiovisuais e com a tecnologia, que poderia ser descrita como cultura visual. Na visão deste antropólogo, a cultura visual e as mídias contemporâneas “promovem uma crescente estilização e estetização da vida cotidiana. Todos estes elementos encontram na imagem e na comunicação visual formas privilegiadas de contar narrativas e atribuir sentido simbólico ao mundo que nos rodeia” (CAMPOS, 2012, p. 6). Partindo do pressuposto de que os desenhos dos quadrinhos produzidos por mulheres fazem parte de um movimento social, cultural, histórico e político, farei uma breve contextualização das trajetórias das mulheres nesse universo.

## 2.1 Trajetória histórica e cultural das mulheres nas histórias em quadrinhos

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939–1945), de acordo com Trina Robbins (2017), as mulheres passaram a ocupar muitos campos profissionais, enquanto os homens lutavam nas guerras imperialistas na Europa. Quando chegou ao fim o período de guerras, os homens assumiram seus antigos empregos e construíram um discurso de que as mulheres não gostavam do universo dos quadrinhos, já que voltaram para as suas cozinhas e seus interesses eram romances gráficos sobre amor e cuidados domésticos.

O primeiro quadrinho de autoria feminina, segundo Trina Robbins (2017), por exemplo, teria sido publicado na revista *Truth*, em 1896, por Rose O’Neil (1874- 1944), Edwina Dumm (1893-1990) e Nell Brinkley (1886-1944). Na época, outras mulheres, como Flora Flirt, já faziam quadrinhos sobre o sufrágio, mas eram praticamente invisíveis ou apagadas.

Figura 1 - Pôster sobre sufrágio Rose O’Neil (1915).



Fonte: CUNHA, Jaqueline (2016, p. 71)

Para Jéssica Eugênio (2019), a expressão artística por mulheres é uma prerrogativa que foi cedida recentemente. Não quer dizer que as mulheres não expressaram ao longo da história suas obras de artes. As manifestações e criações artísticas feitas por mulheres eram mascaradas com pseudônimos masculinos, ou deslegitimados enquanto obra de arte, seja na literatura, pintura, cinema etc.

Nas histórias em quadrinhos, segundo Carolina Messias e Giulia Crippa (2017, p. 3), “June Tarpé Mills criou, em 1941, a personagem Miss Fury, que teria sido a primeira super-heroína dos quadrinhos”. A quadrinista foi quem roteirizou e ilustrou a história e assinava apenas o sobrenome, como uma estratégia para atrair os leitores homens.

Na década de 1960 surge os movimentos sociais, as revoltas estudantis, as revoltas juvenis contracultura, os movimentos revolucionários e o movimento feminista, com o slogan do “pessoal é político”, o aproximando do público e do privado. Esse movimento trouxe a temática sobre a forma como somos formados e produzidos como sujeitos, e generificados nesse processo. Corroborando com a discussão, Luiza Bairos (1995, p. 459) nos diz que o “uso do conceito mulher traz implícito tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social do gênero”.

Nessa mesma época as histórias em quadrinhos tiveram uma grande ascensão cultural, e com os estudos da ciência da comunicação, elas passaram a ter atenção das elites intelectualizadas, surgindo as primeiras produções que problematizavam e ironizavam a representação do feminino nas HQs. As HQs, que até então eram narrativas de aventuras, super-heróis e personagens infantis, a partir desses movimentos sociais começam a ser produzidas com novas formas de narrativas gráficas, com mais liberdade criativa. Segundo Antônio Dutra (2003), as histórias em quadrinhos *underground*<sup>11</sup> passam a abordar temas como fatos históricos e autobiografias, abrindo espaço para os quadrinhos alternativos. Mesmo com toda a revolução com os *underground comix*, algumas questões permanecem seguindo as mesmas tradições das HQs dos *mainstream*, o machismo, a misoginia e o tipo dominante de poder: homens, brancos e héteros.

Trina Robbins é uma das primeiras participantes do movimento *underground comix*. Nos anos 1960, ela começou a se identificar com o feminismo, e, ao ler um artigo sobre a liberação das mulheres, percebeu que estava sendo excluída de várias coisas pelo fato de ser mulher. Em 1970, Trina Robbins juntamente com outras mulheres, editaram o primeiro quadrinho feminino, “*It Ain’t Me, Babe*”. O êxito da revista foi tanto que a editora Ron Tuner decidiu ampliar a ideia. A partir desse projeto nasceu um coletivo de mulheres.

Laluña Machado e Diego Moreau (2020), discorrem sobre as contribuições do movimento do *underground Comix*, com o foco na arte como manifestação política. Outra característica desse movimento foi o surgimento dos quadrinhos autobiográficos. Segundo os autores, os quadrinhos *underground* tinham política na sua sátira, mas muitas publicações dessa época não tinham o foco nas criações como pautas explicitamente políticas. O

---

<sup>11</sup> Os quadrinhos *underground* são fenômeno dos anos 1960 e 1970, quando os artistas começaram a criar e publicar quadrinhos independentes da esfera das editoras *mainstream* e como uma reação direta contra o tradicional e vigente da época. (POSTEMA, 2018, p. 179). O movimento dos quadrinhos *underground*, também conhecidos como *comix*, bebeu mais especificamente na fonte dos movimentos hippies e da revolta estudantil, representando uma tomada de decisão pelo fortalecimento e autonomia da produção quadrinística e sua utilização como meio privilegiado para manifestação artística e social. (VERGUEIRO, 2011, p. 3).

*Wimmen's Comix*, a ideia de produção e os modos de fazer quadrinhos foi de trazer debates, criticar, questões de ordem política da época, e contribuíram para a transformação social, que influenciou profundamente o meio.

Figura 2 – Primeira revista feminina norte americana.



Fonte: CUNHA, Jaqueline. (2019)<sup>12</sup>

*Wimmens Comix* estreou em 1972, teve 17 edições indo até 1992. O coletivo trouxe pautas e debates, “como o feminismo, sexo, homossexualidade, aborto, menstruação, abuso sexual e controle de natalidade. A HQ de Trina Robbins, *Sandy Comes Out*, foi o primeiro a ter uma personagem assumidamente lésbica.” (MOREAU, MACHADO, 2019, p. 448). A revista foi um marco histórico no universo das HQs, abrindo as portas de um mercado conhecido como o clube do bolinha<sup>13</sup>.

Figura 3 – Edições da revista *Wimmens comix*



Fonte: CUNHA, Jaqueline. (2019)<sup>14</sup>.

<sup>12</sup> CUNHA, Jaqueline dos Santos. Mulheres nos Quadrinhos: Trina Robbins. Delirium Nerd, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2019/06/27/trina-robbins-mulheres-nos-quadrinhos/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

<sup>13</sup>O termo clube do bolinho é bastante utilizado no universo da produção das narrativas gráficas, para exemplificar as estruturas patriarcal, o machismo, sexismo e as várias violências de gênero, nesse universo. Esse termo foi utilizado durante as conversas no clube de leitura de histórias em quadrinhos “historietas”, por Gabriela Borges.

<sup>14</sup> CUNHA, Jaqueline dos Santos. Mulheres nos Quadrinhos: Trina Robbins. Delirium Nerd, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2019/06/27/trina-robbins-mulheres-nos-quadrinhos/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

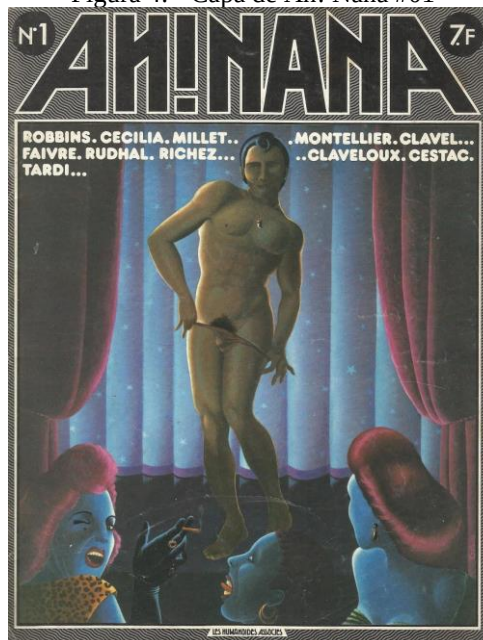


Na França, também surgiu um movimento de mulheres que se utilizou dos quadrinhos como uma forma de defender suas posições políticas e dar visibilidades ao movimento feminista. Nos anos de 1970, as mulheres utilizaram os quadrinhos como forma de expressão e crítica, sob a égide do Movimento de Liberação da Mulher, sendo que aí os meios de comunicação de massa foram instrumentos para o movimento feminista. Nesse momento nasce a revista *Ah! Nana*, publicação na qual as quadrinistas se utilizavam do humor e da sátira como forma de provação.

“Os objetivos da revista foram esclarecidos já em seu primeiro número: oferecer às mulheres um espaço onde pudessem dizer o que pensavam, seja pela “caneta ou pincel”, sem qualquer restrição. *Ah! Nana* nasceu para ser uma revista engajada, usando humor e ironia em seus quadrinhos e denunciando abusos. Ela exigia o fim das desigualdades e justiça para mulheres que eram vítimas de violência. Era uma revista de conteúdo político”. (TALET, 2006, apud NOGUEIRA, 2020, p. 48).

A revista não teve uma vida longa e, em 1978, na sua nona edição, a publicação foi censurada, acusada de pornografia. Segundo a pesquisadora Natania Nogueira (2020, p.58), “[...] a censura nada mais era do que um ato de dominação masculina, de uma sociedade machista que não aceitava ser criticada por um grupo de mulheres que se exprimiam com toda a liberdade e encorajar outras mulheres a fazerem o mesmo”

Figura 4: - Capa de *Ah! Nana* #01



Fonte: NOGUEIRA, Natania (2020, p. 49.)

No Brasil, de acordo com Ediliane Boff (2014), temos Nair de Teffê, artista que caricaturou mulheres da alta sociedade do Rio de Janeiro. Segundo o registro da autora, Nair seguiu carreira até 1930. Nair de Teffê assinava suas obras com pseudônimo, algo que,

segundo Natania Nogueira (2011), a artista havia criado ao rescrever seu nome de trás para frente, isto é, assinava como Rian.

Rian foi uma pioneira na caricatura no Brasil e há quem afirme que tenha sido a primeira mulher no mundo a publicar uma caricatura. Ela adentra a um espaço tipicamente masculino. As mulheres da elite aprendiam desenho, pintura e música muito mais com o objetivo de se mostrarem prendadas para seus futuros maridos do que necessariamente para exercer profissionalmente um ofício. Rian transformou uma brincadeira de criança, uma travessura de salão em uma arte reconhecida. Mas mesmo assim não conseguiu fugir do domínio masculino. (NOGUEIRA, 2011, p. 14).

Figura 5 – A artista Rejane, de Nair de Teffè



Fonte: BOFF, Ediliane. (2014, p. 2021).

Segundo Ediliane Boff (2014), pouco tempo depois surge outra artista que teve grande relevância para o país, Patrícia Galvão ou como é mais comumente conhecida, Pagu. Pagu era escritora, jornalista, feminista, crítica de arte e comunista. Começou a desenhar na revista Antropofagia. Nos anos 1940, começa a escrever histórias policiais, na revista Detective, assinava com pseudônimo King Shelter. Segundo a pesquisadora Boff (2014), somente 36 anos depois da sua morte, que foi revelado a sua identidade. Pagu abordava nas suas narrativas aspectos sexuais e de trabalho feminino, crítica dos costumes, valores das mulheres paulistas, crítica ao feminismo ingênuo da época. Apesar de sua pequena produção de quadrinhos, Pagu é um nome importante para a histórias das mulheres quadrinistas no Brasil.

Figura 6 – Malakabeça, Fanikita e Kabeluda, de Pagu



Fonte: BOFF, Ediliane. (2014, p. 223).

Nos anos de 1970, três brasileiras foram fundamentais para a história das mulheres nos quadrinhos e são elas: a Ciça Pinto, Cida Godoy e Crau da Ilha. Essas mulheres se arriscaram durante a ditadura militar e produziram quadrinhos, cartuns e charges de cunho político. Segundo Natalia Sierpinski (2021), nessa época os debates sobre a libertação da sexualidade feminina; a luta pelos direitos reprodutivos das mulheres; maternidade, casamento, as HQs estavam pautando esses temas e mais uma vez as mulheres não eram protagonistas dessas narrativas. De acordo com Natania Nogueira (2011), Ediliane Boff (2014), Natalia Sierpinski (2021) e Nara Lage (2022), é necessário trazer o contexto sócio-histórico das artistas, como forma de reparação ao silenciamento, apagamento das mulheres quadrinistas no Brasil.

## **2.2 De onde viemos e para onde vamos? – Histórias em quadrinhos e os movimentos dos feminismos contemporâneos**

*“Lu, você que está estudando sobre a Mina de HQ, o coletivo Lady’s comics e os movimentos feministas dos anos 2010, 2013 exerceram grandes influências no meu trabalho”* (Conversa com Gabriela Borges, *DIÁRIO DE CAMPO*, NOVEMBRO, 2022).

Como ressalta uma de minhas interlocutoras privilegiadas, Gabriela Borges, é necessário, para entender este fenômeno em suas manifestações contemporâneas, remeter-nos ao contexto dos debates no feminismo na atualidade, apontando referências e influências estéticas e políticas que são apontadas como importantes para estas artistas. A fala de Gabriela foi realizada na ocasião de sua participação no clube de leitura de quadrinhos Historieta, edição número 11, de 2022. Nessa interação e contexto, comecei a buscar referências bibliográficas e informações sobre os movimentos sociais e feministas dessa época mais recente, no começo da década passada, para contextualizar de qual lugar nasce a Mina de HQ.

Nesse processo de questionamentos e posicionalidades, enquanto pesquisadora e me adentrando nos estudos e tomada de consciência de todo o movimento feminista de um determinado contexto-histórico, entendi que o universo da pesquisa, que pretendia abordar as mulheres artistas brasileiras nas suas pluralidades, não daria conta. Nesse sentido foi pertinente associar o que Lila Abu-Lughod (2018) fala sobre as representações etnográficas, que segundo James Clifford (2016), referem-se a “verdades parciais”. Para a antropóloga, estas “verdades parciais” são também “verdades posicionadas” no sentido de que a posição da pesquisadora assume seu exercício etnográfico, isto é, como sujeito na etnografia, também faz toda a diferença no tipo de narrativa que é construída em interação com as interlocutoras. É

importante enfatizar que seria impossível, e não desejável, desenvolver uma pesquisa imparcial quanto às posições e discussões de ordem política, algo que sempre está invariavelmente presente na produção gráfica das artistas aqui em foco.

Primeiro, que esta pesquisa é fruto de um momento histórico, político e social, que toma como campo de pesquisa experiências permeadas pela Internet e pelo ambiente digital. Antes de contextualizar, busco me localizar e problematizar certas questões no decorrer do texto. Embora eu seja fã dos trabalhos da Mina de HQ e da quadrinista Cátia Ana, interlocutoras dessa pesquisa, tento separar a minha admiração como leitora e trago reflexões críticas sobre um olhar antropológico que foi construído por mim em diferentes contextos. Nessa tentativa de separar a fã e a pesquisadora e por se tratar de uma tarefa árdua, é quase impossível remover totalmente minha posição de admiração, pois são elementos que constituem a pesquisadora que sou; também não posso me deslocar completamente do meu lugar de uma mulher branca, cisgênero, heterossexual e mãe.

Outro ponto que cabe ressaltar nesse momento da pesquisa, é que nos movimentos sociais observados, as cenas se desenvolvem na maioria com mulheres consideradas brancas, de classe média, com nível de escolaridade mínima de graduação no ensino superior universitário. A dissertação não tem o intuito de traçar uma genealogia histórica dos movimentos feministas, embora como foi relatado no tópico anterior, os movimentos feministas com suas perspectivas históricas, teóricas, sociais e culturais, contribuíram e contribuem com as discussões dentro do universo dos quadrinhos. Nesse sentido refiro e me situo aos movimentos chamados de feminismos contemporâneos, relacionados ao ativismo digital, ao uso da Internet e às construções de coletivos e organizações em redes. Para situar a localidade e o recorte da pesquisa, utilizo a discussão de Saavedra (2020), quando observa, sobre os movimentos feministas contemporâneos que

há sobretudo o reconhecimento da potência comunicacional dos grupos e coletivos de jovens feministas que se multiplicam especialmente desde 2010. Em várias das falas que trouxemos aqui essa dimensão é destacada: são recorrentes depoimentos que destacam a importância de novas linguagens e do uso da internet como ferramenta para ampliar as vozes feministas – e aqui incluo também as práticas e saberes das artistas dos coletivos culturais que observamos, que para além da internet, constroem redes comunicativas, artísticas e culturais muito caras a esse processo de expansão e diversificação dos feminismos contemporâneos. (SAAVEDRA, 2020, p. 9).

Segundo Natalia Sierpinski (2021), a expansão do movimento feminista e uso da internet, perceptível a partir da primeira década do século XXI, continuou se desenvolvendo e se aprofundando nos anos posteriores, reafirmando a conexão *on-line* como parte fundamental

dos movimentos feministas atuais e dos ativismos digitais. Para a autora, a busca por pensar a diferença entre as mulheres enfatizou pautas sobre a violência e também a liberdade de corpos.

Nossas artistas da quarta onda feminista definitivamente deslocam a reflexão sobre identidade, gênero, diferença e desigualdade para uma nova plataforma: o corpo, agora visto como um espaço possível para a construção de novos sentidos. A evidência é que a palavra feminista ocupou todas as formas artísticas e culturais nos últimos anos. (KUHNERT, 2018, p. 103).

Desse movimento social, em 2010, nasce o “Coletivo Lady’s Comics: HQ não é só para o seu namorado”<sup>15</sup>. Com sede em Belo Horizonte, o grupo nasceu em um ambiente virtual, constituindo um espaço de divulgação, debate e registro da memória das mulheres artistas, ilustradoras, quadrinistas. O Lady’s organizou um banco de dados sobre Mulheres Quadrinistas, publicações, encontros e eventos no Brasil. De acordo com Nara Lage (2022), foi o primeiro evento sobre mulheres e quadrinhos no Brasil, o Encontro Lady’s, que teve duas edições, o 1º Encontro Lady’s Comics: transgredindo a representação feminina nos quadrinhos, em 2013, e o 2º Encontro Lady’s Comics, em 2016. “Quando o Lady’s Comics chegou, era mato. Ninguém fazia aquilo”. (LILA CRUZ, 2019, p. 399). Os trabalhos do coletivo encerraram suas atividades em 2018.

Figura 7 – Identidade visual da Lady’s Comics



Fonte: LADY’S COMICS.<sup>16</sup>

A partir do Lady’s, as mulheres começaram a ter mais visibilidade em eventos, redes sociais, iniciativas de publicações coletivas de mulheres. Outras iniciativas nasceram desse movimento. Em 2013 nasceu o Zine XXX. O projeto reuniu artistas de diferentes regiões do país e publicou cinco zines, com grupo no Facebook somente de mulheres. Na época da

<sup>15</sup> LADYCOMICS. Disponível em: <http://ladyscomics.com.br/>, acesso em: 05 fev. 2023.

<sup>16</sup> LADYCOMICS. Disponível em: <http://ladyscomics.com.br/>. Acesso em: 05 fev. 2023

pesquisa 2020, 2021, enviei convite e e-mail para fazer parte do grupo, mas não obtive resposta. Nessa mesma linha e localidade sociocultural, nasce a Mina de HQ.

### 2.2.1 Mina de HQ – “Esse é um projeto político, assim como minha escolha editorial”

Lançada em 2015, a Mina de HQ é criação de Gabriela Borges, jornalista, curadora de conteúdo e mestra em antropologia. É paulistana, mas atualmente mora em Florianópolis, Santa Catarina, estabelecendo-se como fundadora e editora-chefe da Mina de HQ. É uma mulher cisgênero, bissexual, de classe média, jornalista; é mãe da Lila e vive a experiência da dupla maternidade com sua esposa. A Mina de HQ é uma mídia multiplataforma independente e feminista sobre histórias em quadrinhos feitas por artistas mulheres, pessoas trans e não binárias. Segundo os dados retirados do site da Mina de HQ (2023)<sup>17</sup>, o trabalho “se tornou referência em incentivo à leitura, curadoria crítica com foco em diversidade e gênero. Foi finalista do Prêmio Jabuti em 2022, foi premiada por dois dos troféus de quadrinhos do Brasil, HQ MIX e Angelo Agostini”.

Figura 8 – Gabriela Borges



Fonte: MINADEHQ (2022)<sup>18</sup>

<sup>17</sup> MINA DE HQ. Disponível em: <https://minadehq.com.br/>. Acesso em: 11 abr. 2023.

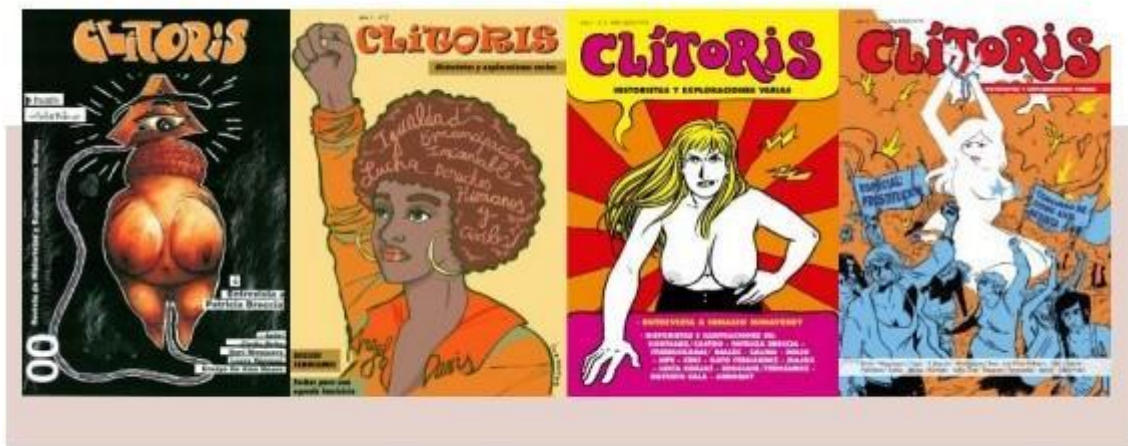
<sup>18</sup> MINADEHQ. CCXP: lançamento da 3ª edição da revista Mina de HQ. São Paulo, 29 nov. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CljD42zLVDi/>. Acesso em: 6 dez. 2022.



A criação da Mina de HQ teve influência de algumas experiências pessoais e coletivas. A principal influência foi a realização do mestrado em antropologia pela Universidade de Buenos Aires, na Argentina. Sua dissertação foi realizada em torno dos quadrinhos femininos argentinos e lá ela nota que “[...] es importante reparar en un análisis histórico sobre el lugar dado a la mujer y a su comportamiento en contextos históricos y sociales” (BORGES, 2013 p. 15). Abaixo, Gabriela descreve como foi seu contato com as pautas feministas e as histórias em Quadrinhos:

*Eu fui para Argentina, nem pensava em fazer o mestrado sobre histórias em quadrinhos. Quando cheguei em Buenos Aires, vi que os quadrinhos na Argentina têm um papel muito forte na política, muito importante na cultura deles, eles têm livros, personagens muito tradicionais, todos conhecem, eles têm uma pegada política maior do que aqui no Brasil. Morar na Argentina foi uma vivência, uma aula sobre os movimentos sociais, manifestações, os movimentos feministas, tive uma experiência muito forte sobre política. Eu já me interessava por quadrinhos, já tinha lido alguns graphic novel, como Persépolis, Mauss, mas não era entendida sobre histórias em quadrinhos, era uma leitora que gostava de HQ. Eu tenho uma amiga bem feminista, que foi jornalista, ela também gostava de quadrinhos, então a gente trocava, ai um dia, ela me deu uma revista da Clítoris, comecei a ler e fui atrás, falei com a Mariela Acevedo, que se tornou uma grande amiga, colaborei com duas edições da revista, pude conhecer muitas autoras e autores e mergulhei no universo das historietas. (Entrevista registrada no DIÁRIO DE CAMPO, SETEMBRO, 2022).*

Figura 9 - Revista Clítoris



Fonte: BORGES, Gabriela, (2020).

Em conversa com Gabriela sobre as influências da revista Clítoris na criação da Mina de HQ, ela relata que a revista Clítoris já nasceu como uma revista, e já a Mina nasceu nas redes sociais, em um trabalho que inicialmente começou com divulgação, como pesquisadora acadêmica, entre jornalismo e quadrinho. O recorte editorial também é diferente da proposta da Mina. Na Clítoris, o importante é falar sobre o feminismo, e aí poderiam ser homens e mulheres. *A Mina de HQ no início o meu interesse era quadrinhos só de mulheres, com o*

*passar do tempo, as vivências e estudos, “passei a incluir pessoas não binárias” (Entrevista registrada no DIÁRIO DE CAMPO, SETEMBRO, 2022).* A partir desse momento, a Mina de HQ possibilita a publicação de mulheres cis, trans e pessoas não binárias.

Ainda morando na Argentina, Gabriela Borges relata que conheceu o trabalho da Lady’s Comics, participou do primeiro evento presencial do coletivo, *“Éramos muitas mulheres de todo o Brasil, reunidas para discutir a importância da produção de autoras, e como buscar visibilidades a esses trabalhos e conquistar espaço no mercado mainstream.* (Entrevista registrada no DIÁRIO DE CAMPO, NOVEMBRO, 2022).

Segundo Borges, ela “fez tudo bonitinho”, criou uma logo, uma identidade visual e deu seguimento ao seu projeto. O que contribuiu para ter visibilidade foi voltar ao Brasil e participar de eventos acadêmicos, palestras sobre sua pesquisa de mestrado. Escreveu por um ano na coluna sobre quadrinhos feitos por mulheres no site da revista TPM. A Mina de HQ foi ganhando espaço, em participação em eventos como CCXP, Flip – Festa Literária Internacional de Paraty, Festival Internacional de Quadrinhos, Bienal do Rio.

*Existia um movimento forte por aqui que refletia a nova onda do feminismo e ganhava força com a popularização dos celulares com internet e das redes sociais. A Mina de HQ, se desenvolveu, teve um maior crescimento em 2018, passei a ser autônoma, e me dediquei muito da minha disponibilidade ao projeto, criei um site, a newsletter, e assim tudo da Mina de HQ, são reflexos da minha visão política como pessoa, tudo que acredito, eu expresso por meio dos trabalhos. A Mina de HQ é a minha expressão no mundo. (entrevista registrada no DIÁRIO DE CAMPO, SETEMBRO, 2022).*

Figura 10 - Mina de HQ, identidade visual da marca



Fonte: MINADEHQ.

Diante do exposto, a escolha da Mina de HQ se tornou terra fértil para a minha pesquisa, pensando nestas forças, fluxos e conexões que dão forma ao fazer dos quadrinhos, enquanto fenômeno do cotidiano, expressões individuais e coletivas. Começo o meu trabalho



de campo, para além das bibliografias especializadas, por meio da Mina de HQ, como um lugar cultural, onde as artistas divulgam seus trabalhos, e que se constitui uma ferramenta “ativista”.

Na definição do termo ativista, utilizo as discussões elaboradas por Ana Maria Veiga e Sônia Maluf (2019, p. 3.), que o definem como artefatos culturais em que se configuram “expressão artística que colocam em xeque o campo hegemônico da arte, tensionamento das relações entre arte e política, interrogando as possibilidades e o potencial crítico desse ativismo - termo que designa o trabalho de artistas que se entendem também como ativistas sociais”. A partir desse ponto, no próximo capítulo exploro e apresento os dilemas teóricos e metodológicos da pesquisa.

### 3 “MUNDOS POSSÍVEIS” - DILEMAS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

*Ninguém resiste à colonialidade  
dos gêneros sozinhos.  
Somente é possível resistir a ela com o  
entendimento do mundo e com uma vivência que  
é compartilhada e consegue entender as próprias  
ações – garantindo certo reconhecimento.  
As comunidades, e não os indivíduos,  
possibilitam o fazer;  
as pessoas produzem junto de outras nunca em  
isolamento.  
(MARÍA LUGONES, 2019, p. 356)*

A partir das análises de certas categorias êmicas sobre ativistas sociais, os movimentos feministas contemporâneos, as questões mercadológicas em relação de gênero, os quadrinhos feministas, a relação entre a nona arte e política, fui me estabelecendo em campo. As construções teóricas e metodológicas, na pesquisa em antropologia, baseiam-se em grande medida nas relações que estabelecemos em campo. Nessa direção, destaco aqui o que Mariza Peirano (2014), nos diz quando define que uma pesquisa antropológica é um método-teoria, no qual são encravadas novas posturas teóricas, que dialogam com os dados e com aquilo que foi vivido no trabalho de campo.

O início do trabalho de campo se deu como dito por meios digitais *on-line* e meu primeiro contato com a Mina de HQ foi através do site e das redes sociais. Inscrevi-me em sua *newsletter*, onde recebo quinzenalmente novidades sobre quadrinhos. Tornei-me apoiadora mensal do financiamento coletivo da Mina de HQ, onde pude participar do clube de historietas (clube de leitura de histórias em quadrinhos). O dilema de “estar lá” da antropóloga, como aponta Christine Hine (2020), toma outro sentido, quando a “experiência em campo” pode ser desenvolvida de múltiplas maneiras. É desse lugar que comecei a etnografia.

A Internet requer alguns tipos específicos de criatividade, de modo a ser capaz de detalhar os modos pelos quais as atividades *on-line* produzem sentido. Hine (2020, p. 2) aponta que “mesmo onde as questões práticas do próprio cenário impedem a participação total, a imersão da etnógrafa permite que ela aprenda pela observação em grande proximidade e permite que ela teste constantemente suas interpretações emergentes com as pessoas envolvidas”.

É desse cenário que a pesquisa se desenrolava, no *on-line*, nos primeiros desafios e nos dilemas vivenciados em campo ao pensar na autoridade etnográfica que inevitavelmente adotamos quando construímos narrativas gênero de produção textual. Seja naquela autoridade

definida mais em termos da representação malinowskiana, de acordo com Strathern (2013, p. 228), “na qual fica marcada a impressão de que o antropólogo esteve lá, em campo, e registrou e representou o que viu e viveu com a autoridade que lhe outorga o campo”; ou então naquela representação do paradigma frazeriano, onde narrativas que se estavam inaugurando eram formas de narrar e representar num formato mais literário, artístico e ficcional. Esses dois exemplos mostram distintos estilos de escrita e também, em diferentes formas de pensar a etnografia. Revisitar essas questões me fez questionar as minhas possibilidades diante da construção etnográfica e nas tensões e conflitos pressupostos na minha escrita e posicionalidade em campo.

Para organizar e colocar ordem no universo dessa pesquisa, utilizei um clássico instrumento de pesquisa etnográfica, o diário de campo. Escrever, salvar, fotografar, fazer *print screen* foi a maneira que encontrei para “colocar as coisas em contexto no texto etnográfico”, mas ao mesmo tempo, me permitiu certa liberdade na construção dessa etnografia, com questões fora do contexto, no sentido que lhe dá Strathern (2013), ao chamar tal exercício de “jogos de contextos”.

Assim colocar coisas fora de contexto parece se um excelente exercício na construção de textos etnográficos, justamente por permitir certa liberalidade a quem escreve, mitigando a necessidade de minimizar os conflitos internos de determinado campo em questão em nome da homogeneidade de determinado grupo ou região em estudo, colocando a autoconsciência e posicionalidade do autor em questão de forma bastante evidente, que torna-se assim também uma das questões a serem abordadas ao longo escrita, isto é, entrecruzada ou mesmo permeada ao longo das descrições etnográficas. (STRATHERN, 2013, p. 232).

O registro da coleta de dados foi desenvolvido em múltiplas fontes. E assim busquei inspiração na Aina Azevedo (2016, p. 104), no modo como narra sobre repensar as possíveis formas de registro no diário de campo, “como convencionamos chamar o nosso caderno de anotações levado para o trabalho de campo, em que predomina o registro escrito”. No caso de minha pesquisa, o registro foi composto por conversas em chats no Instagram, entrevistas via google meet, entrevistas presenciais, conversas informais nos eventos, clube de leitura de histórias em quadrinhos, observações, participações em lives, eventos presenciais, visitas a livrarias, participação em oficinas, fotografias, inserções nas redes sociais digitais, levantamentos bibliográficos e análises de materiais físicos e digitais.

Sobre a metodologia de pesquisas na Internet com um foco particular na etnografia, Hine (2020) discute sobre os desafios trazidos por uma Internet que permeia cada vez mais o cotidiano do indivíduo contemporâneo, os desafios enfrentados por pesquisadores etnógrafos,

que buscam compreender atividades que envolve a Internet como trabalho de campo, as conexões entre *on-line* e *off-line*, princípios metodológicos e estratégias práticas.

Trabalhar com a Internet como um lugar cultural, seguir conexões e interações com o *on-line* e *off-line*. Essa é uma das provocações de minha pesquisa que, tal como sugere Hine (2020), pode elaborar locais de campo que tocam e abarcam a internet de modos múltiplos, alguns dos quais requerem um foco combinado em um local específico contido na internet, outros que se movem e buscam conexões entre locais *on-line* e *off-line*.

### 3.1 Construção de uma relação: lugares *on-line* e *off-line* da pesquisa

*Screenshot* ou *print screen*, termos que se tornaram corriqueiros no meu vocabulário, referem-se a ferramentas de captura de tela de algum dispositivo, seja celular ou computador. Foram esses dispositivos que permitiram o início do meu registro no diário de campo, ou seja, não desci da “varanda”, não atravessei o oceano como Malinowski (1978), em Argonautas do Pacífico Ocidental. Foi da mesa da cozinha, numa fila de espera, da sala de estudo da biblioteca, de uma revista, as imagens, capturas de telas, vídeos, áudios, os desenhos dos quadrinhos e as fotografias que compõem o recorte visual da realidade apresentada.

Em meio à pandemia da COVID 19, iniciei os trabalhos nesse universo de interações *on-line*. O ano de 2021 foi propício para descobrir muitos dos dados e discussões sobre as vivências das mulheres quadrinistas, artistas e ilustradoras, pois tive oportunidade de acompanhar vários eventos de forma remota pelas plataformas digitais. Desse lugar cultural, comecei a seguir as conexões para o desenvolvimento do meu fazer etnográfico.

Em maio de 2021 começou o meu diário de campo, no qual acompanhei e registrei diariamente a Mina de HQ no seu perfil no Instagram @minadehq<sup>19</sup>, no canal do youtube<sup>20</sup> e no site<sup>21</sup> até janeiro de 2023. Na disciplina de Antropologia e percepção: fluxos, subjetividades e grafias, com o Professor Dr. Luis Felipe Kojima Hirano, aprendi com os relatos, as vivências propostas pela disciplina, a criar e a organizar a minha descrição em campo, como menciona Geertz (1978), a “descrição densa” faz parte das práticas etnográficas.

<sup>19</sup> MINA DE HQ. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/minadehq/>. Acesso em: 5 maio 2022. Todos os dias têm publicações no perfil do Instagram da Mina de HQ, são estratégias de marketing digital e uso das redes sociais como forma de visibilidade, produção e consumo das HQs, as principais publicações no perfil são: divulgação de quadrinhos, de quadrinistas mulheres cis, trans e pessoas não binárias, eventos sobre a cultura pop, os projetos da MHQ, clube de leitura de histórias em quadrinhos etc.

<sup>20</sup> MINA DE HQ. Canal do youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@MinadeHQ>. Acesso em: 5 maio 2022

<sup>21</sup> MINA DE HQ: histórias em quadrinhos mais diversas. Disponível em: <https://minadehq.com.br/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

A partir desse instrumento, elaborado por várias fontes, dispositivos, anotações no caderno de campo, escritas em processador de textos, as inúmeras pastas salvas no drive e no computador, fui entendendo o universo da pesquisa, e me apeguei ao que fala Ana Clara Santos (2020, p. 54) sobre o dado etnográfico como “construção das construções de outras pessoas” e que o etnógrafo tem o papel de “primeiro apreender e depois apresentar” em um plano discursivo.

De fã e leitora de HQs, com repertório bem limitado, como falei na introdução, o meu contato com as histórias em quadrinhos começou na infância com a Turma da Mônica de Mauricio de Sousa; a Mafalda do quadrinista argentino Quino; as revista de quadrinhos da Disney, Tio Patinhas entre outras; e, depois de adulta tive acesso aos *graphic novels*<sup>22</sup>, como Fun Home de Alison Bechdel, Desconstruindo Una, A Origem do Mundo de Liv Stromoquist, Maus de Art Spiegelman, Persépolis de Marjane Satrapi, que são quadrinhos publicados por grandes editoras e a maioria de artistas internacionais e estrangeiras. Comecei a me questionar então sobre o acesso às histórias em quadrinhos produzidas por mulheres no Brasil, e mesmo sendo uma frequentadora de bibliotecas, livrarias, ao fato de que não tive acesso muito variado e em grandes quantidades a esta produção que eu desconfiava existir.

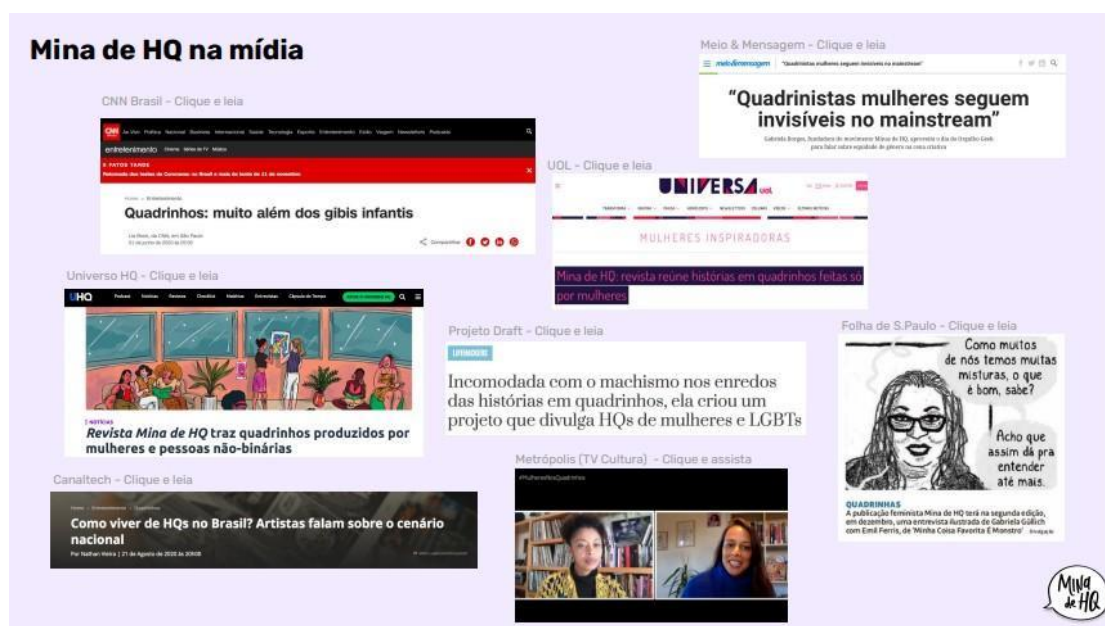
Sentia-me deslocada desse universo que soava tão familiar. Gostar de histórias em quadrinhos e não conhecer a realidade das artistas, os debates sobre as opressões de gênero, classe e raça nesse universo. Esses deslocamentos observados em campo só foram possíveis ao entender por meio das conexões entre o *on-line* e o *off-line* a relação entre estas coisas. Um destes aspectos, relacionados aos deslocamentos que fui realizando, foi justamente o de começar a consumir e buscar compreender e a apreender um pouco das dinâmicas sociais dessas mulheres artistas, o silêncio epistêmico e o apagamento das mulheres no cenário das HQs. Como aponta Audre Lorde (2019, p. 241), “As exigências para produzir artes visuais também ajudam a determinar em termos de classe, que arte pertence a quem”.

Nesse sentido, apresento a figura 11, com recortes sobre o trabalho da Mina de HQ, e os debates sobre o apagamento e invisibilidade das mulheres artistas no mercado editorial de quadrinhos no Brasil.

---

<sup>22</sup> A *graphic novel*, um formato de história em quadrinhos que trouxe temas importantes para os leitores como: questões de representação de gênero e sexualidade, tem sua história fortemente construída por política. Em 1986, foram publicados os primeiros volumes das novelas gráficas Maus e Watchmen, foi nesse ponto da história dos quadrinhos que o gênero ganhou um pouco mais de reconhecimento, principalmente no meio acadêmico. Porém, os muros invisíveis ainda estão vivos, sustentando um pensamento cheio de estereótipos quando o debate envolve quadrinhos, como se fosse apenas uma arte feita para entreter crianças. (CARVALHO, 2018, p. 18.).

Figura 11 – Colagem de reportagens sobre mulheres e HQs



Fonte: MINADE HQ. Mídia kit.<sup>23</sup>

Para vivenciar e conhecer o cenário e a sociabilidade das artistas na minha região, a estratégia foi a de pensar em termos locais e regionais<sup>24</sup>, de visitar livrarias especializadas de quadrinhos de Goiânia, bibliotecas, de participar de eventos (no início de 2022, começamos a sair do isolamento social). Nesse cenário local e regional, o *lócus* dessa pesquisa se deu na cidade de Goiânia com uma das interlocutoras privilegiadas se constituindo principalmente a partir de meu contato com a quadrinista Cátia Ana.

Entrei em contato com a artista em junho de 2021 pelas redes sociais e, principalmente, pelo Instagram. Desde então vinha acompanhando suas postagens nas redes e suas produções no campo das HQs. Meu primeiro contato com a Cátia Ana, como parte do meu trabalho de campo se deu no dia 17 de março de 2022, em uma live de uma livraria especializada em histórias em quadrinhos (mangás, HQs, gibis, novelas gráficas, história dos quadrinhos) a *Mandrake Comic Shop*, situada na cidade de Goiânia, em evento que se devia a comemoração da *Semana Mandrake Fest*, em live que tinha como tema um “Papo de quadrinista com a Catia Ana”.

<sup>23</sup> MINADE HQ. Mídia kit. Disponível em: <https://minadehq.com.br/o-que-fazemos/>. Acesso em: 13 jun. 2022.

<sup>24</sup> A princípio, a minha proposta era fazer a etnografia em Goiânia e Brasília, mas com a realização da pesquisa de campo, as dificuldades em receber o aceite das minhas possíveis interlocutoras de Brasília, a pesquisa foi se delineando na cidade de Goiânia.

Figura 12 – Screenprint da Live, Papo de Quadrinista Cátia Ana.



Fonte: MANDRAKE Fest, (2022).<sup>25</sup>

O encontro aconteceu pelo canal do Youtube da livraria e teve duração de 1 (uma) hora e 10 (dez) minutos. Cátia Ana falou sobre memórias e produção de quadrinhos, narrou como seu contato direto na leitura de quadrinho começou durante a graduação na Universidade. Ela narrava ali como os quadrinhos ajudaram a lidar com suas subjetividades, destacando a importância das auto publicações *on-line*, das bibliotecas como ferramenta de incentivo a leitura de quadrinhos autorais, citando algumas de suas publicações.

É dentro deste universo *on-line*, que desenvolveu boa parte do trabalho de campo, a participação no clube de histórias em quadrinhos. A participação em *lives*, oficinas, e em outros eventos deram-me a possibilidade de entender algumas realidades sociais das mulheres que estão inseridas no universo dos quadrinhos que de outra maneira eu não acessaria. De um modo que pude perceber, muitas das questões vivenciadas em eventos presenciais também apareceriam neste universo de interação *on-line*.

O trabalho de observação participante incluiu também a minha participação como integrante do clube de leitura de historietas. É nesse sentido que Sônia Maluf (2011a) fala sobre a prática etnográfica, os diferentes níveis de participação se articulam planos ou platôs diversos, com diferentes intensidades e dinâmicas. O acompanhamento de diversas atividades ligadas aos quadrinhos me permitiu uma entrada mais profunda e significativa nesse universo,

<sup>25</sup> MANDRAKE Fest: Papo de Quadrinista com Cátia Ana. Goiânia, 2022. 1 vídeo (1h e 10 min). Publicado pelo canal Mandrake Comic Shop. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QldmOeharNU>. Acesso em: 17 mar. 2022.

mesmo que informal. Por conta das visitas que realizei, pude perceber os problemas, os diálogos com questões sociais, a intenção das artistas com a produção dos quadrinhos, as críticas, as construções de redes, coletivos e colaborações e de como o fazer quadrinhos por mulheres requer outro tipo de sociabilidade.

Figura 13 – Screenprint do instagran Mina de HQ



Fonte: Acervo da pesquisadora<sup>26</sup>.

Nos dias 11 e 12 de junho de 2022, aconteceu a feira e-cêntrica, na Vila Cultural Cora Coralina, no centro de Goiânia. Foi a quarta edição da feira, que reuniu publicações independentes, selos literários, coletivos criativos e artistas gráficos, exposição e comercialização de livros, zines<sup>27</sup> e artes gráficas, encontros com escritoras e escritores proposta pela atividade Palavra Cruzada. A feira teve por objetivo apoiar publicações autorais e fortalecimento e a ampliação da visibilidade do trabalho de mulheres cis e trans.

A participação na feira me permitiu um contato mais direto com a produção de quadrinhos independentes, zines, numa ritualização do lugar, contexto no qual a prática sociocultural dos quadrinhos acontece. Acredito que as relações estabelecidas nesse evento, as conversas informais com os participantes da feira, as dificuldades em estabelecer um contato inicial com algumas artistas façam também parte da maneira como meu campo foi se desenrolando. Esse aspecto da pesquisa, relacionadas a algumas dificuldades de contatos

<sup>26</sup> Faz parte do acervo dessa pesquisa *Screenshot* ou *print screen* dos *story* do Instagram da Mina de HQ. O perfil da Mina é público, na hora que tiramos a foto no encontro, Gabriela Borges, pediu permissão.

<sup>27</sup> O termo é derivado do inglês *fanzines* (revistas de fãs), as quais têm em sua origem a produção de revistas realizada por fãs – de HQs, animes, séries, jogos, literatura, poesia e diversas formas de arte – de maneira artesanal e com pequenas tiragens, além da distribuição de “mão em mão” ou pelos correios. Sem padrões, dimensões ou formatos pré-definidos, elas são um excelente espaço para experimentação gráfica, de estilo, de narrativas e de personagens, por exemplo. Pelas zines, as artistas conseguem se introduzir no cenário local e nacional de quadrinhos, além de apresentar suas HQs em eventos e feiras. (BRETAS, 2022).



presenciais e também de indisponibilidades eventuais que enfrentei, talvez tenha sido fundamental no sentido de contribuir para aprofundar a discussão sobre gênero e outros marcadores sociais das diferenças, os dilemas metodológicos do trabalho de campo e os lugares *on-line* e *off-line* da pesquisa, tal como exploro nas sessões subsequentes deste trabalho. A seguir apresento as observações etnográficas advindas da participação da feira e-cêntrica.

### 3.2 A “Escada” - da certeza a vulnerabilidade

Dia 26 de maio de 2022, fui ao evento “noite de autógrafo” na biblioteca do SESC Goiás, na região central de Goiânia, para o lançamento do livro da Cátia Ana, Gatito e Ratito<sup>28</sup>. Chegando ao evento, a quadrinista me falou da feira e-cêntrica, para qual tinha sido selecionada como expositora. Como uma boa bibliotecária, organizei, sistematizei e planejei toda a minha pesquisa de campo, procurei informações sobre as artistas, ilustradoras e quadrinistas que estariam participando da feira e as quais poderiam ser minhas possíveis interlocutoras, para além do contato que já tinha estabelecido com Cátia Ana anteriormente. Antes da minha ida ao evento, eu esperava resposta de artistas que residiam em Brasília, com as quais entrei em contato via redes sociais. Por fim, fiquei super empolgada em saber que três delas estariam presentes em Goiânia.

Antes de começar a narrar sobre o trabalho de campo da feira e-cêntrica, devo contextualizar o lançamento dos livros da Cátia Ana. Fiquei sabendo do evento pelo perfil do Instagram da quadrinista. Fui a primeira pessoa a chegar ao local, sendo recebida por uma bibliotecária do SESC. Identifiquei-me como bibliotecária e pesquisadora e fomos conversar sobre o projeto noite de autógrafos e conhecer o acervo. Chamou minha atenção a biblioteca ter uma estante de histórias em quadrinhos, mas nada de novo, turma da Mônica, O menino Maluquinho do Ziraldo, Mafalda do Quino e revistas de super-heróis. O SESC disponibiliza o local, a montagem da mesa, divulgação e venda fica por conta da artista que está fazendo o lançamento da sua obra. Fiquei por três horas no evento e a quadrinista vendeu um livro nesse período. O valor da venda do material não paga nem o deslocamento da artista. A partir dessas questões, começamos a conversar sobre a importância desses contextos de produção cultural como forma de sociabilidade.

---

<sup>28</sup> No site quadrinhos infinitos a quadrinista Cátia Ana publica sua produção acadêmica e quadrinhos. Endereço do site: QUADRINHOS INFINITOS. Disponível em: <https://www.quadrinhosinfinitos.com.br/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Figura 14 – Lançamento de livro da quadrinista Cátia Ana



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Parafraseando Audre Lorde (2019, p. 241), na sua indagação sobre as questões econômicas, preços inflacionados de material, a autora questiona: “quem são nossos escultores, nossos pintores, nossos fotógrafos?”, acrescento a esse questionamento, quem são os nossos e nossas quadrinistas? Foi nesses dois eventos presenciais que percebi várias das falas que escutei no clube de leitura de histórias em quadrinhos, de oficinas, *lives*, leitura de bibliografias especializadas sobre mulheres e quadrinhos, em que, a produção de HQs por mulheres é permeada por questões de classe, raça e gênero.

No dia 11 de junho de 2022, cheguei na feira e-cêntrica, por volta das 14 horas. Pego um caderno e meu roteiro da bolsa e desço as escadas. Paralisei logo na entrada, pois essa seria a minha primeira participação em feiras de produções independentes. Já participei de feiras literárias, mas aquela feira específica seria a minha primeira como pesquisadora, realizando um etnografia. Desci as escadas com alguma hesitação, andei pelo evento, olhando de forma superficial as mesas e procurando as minhas possíveis interlocutoras de Brasília, procurei a Cátia Ana e a mesa estava fechada. Andei pelos corredores até uma lanchonete que fica no final do corredor e comprei uma água, voltei pelo mesmo trajeto e me sentei nas escadas do lado esquerdo do local onde ocorria o evento. Estava um dia frio e ficar sob o sol naquela tarde, de certa forma, aqueceu-me e incentivou a continuar e persistir naquela incursão ao campo.

Figura 15 – Colagem de Fotografias do evento e-cêntrica<sup>29</sup>



Fonte: Acervo da pesquisadora e da página do Instagram @goianiasualinda<sup>30</sup>

Comecei a observar as pessoas, as abordagens dos visitantes aos artistas, a movimentação da feira e percebi que as pessoas não estavam comprando<sup>31</sup>. Aquele local era um lugar de sociabilidade. Depois de 2 anos sem eventos presenciais por conta da Pandemia, era um lugar de reencontros e encontros, com pessoas de máscaras, dando abraços e outros se relacionando com cumprimentos distantes. Ainda estávamos vivendo sob a incerteza que os contágios e as mortes teriam ficado para trás. A estrutura do evento era bastante simples, mesas de plásticos, os próprios artistas vendiam suas produções.

Perdi a noção de tempo sentada nas escadas, a hesitação e a insegurança de convidar as quadrinistas a participarem da minha pesquisa, sem parecer que elas seriam as “outras”,

<sup>29</sup> A Vila Cultural Cora Coralina, fica no centro da cidade de Goiânia, na rua 3 do setor Central, foi inaugurada em 31 de outubro de 2013, o objetivo da Vila é ser um centro cultural que abriga exposições de artes visuais e plásticas, lançamentos de livros de cunho cultural, feiras de artesanato e economia criativa, mostras de filmes, entre outros eventos, configurando-se assim um espaço multicultural. A Vila Cultural Cora Coralina se insere na ação do governo estadual para revitalizar o Centro de Goiânia e resgatar a memória da Capital. (SECRETARIA DO ESTADO DE GOIÁS, 2019).

<sup>30</sup> GOIANIASUALINDA. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/gynsualinda/>. Acesso em: 24 jan. 2023. O @goianiasualinda, fez parte de expositores no evento, e nos presenteou com belíssimas fotografias no seu perfil.

<sup>31</sup> No decorrer do trabalho de campo, observei que a venda e compra de quadrinhos independentes produzidos por mulheres é uma questão de gênero.

questões que escutei nas participações em eventos *on-line*, que as mulheres eram convidadas constantemente a falar sobre suas experiências de ser mulher nos quadrinhos, como se fosse um nicho ou com desmerecimento relacionado às suas produções, algo que me deixava ainda mais insegura. Para elucidar essa questão, trago a entrevista de Mariamma Fonseca, concedida à quadrinista Roberta Nunes (2015), sobre os constantes debates sobre ser mulher fazendo quadrinhos:

Uma mulher tendo uma função de comando (no caso uma produção e distribuição intelectual) ser vista como algo anormal é sintoma de que há um machismo muito forte e sistêmico que ainda vê a mulher como uma mera apresentação do padrão de consumo que responde a esta manutenção de poder. (FONSECA, 2015, p. 35)

Depois de um certo tempo, resolvi ir às mesas que havia selecionado, na quais estavam potenciais interlocutoras da pesquisa. Na primeira mesa que acessei, a quadrinista já tinha ido embora, na segunda mesa, a quadrinista não veio ao evento e a terceira mesa, a quadrinista não tinha disponibilidade para conversar quando tentei explicar do que se tratava minha pesquisa. Ela me falou que estava grávida e no momento ela não queria compromisso, que não aceitaria participar da pesquisa.

Neste momento eu já estava bastante desanimada com o resultado de meu primeiro dia de evento. Resolvi visitar todas as mesas e apreciar o trabalho dos artistas que ali estavam expondo, sem pretensão de pesquisa ou de escrever no caderno de campo, sem o peso de fazer etnografia. A primeira mesa que parei, comecei a observar os zines, cumprimentei e a ilustradora Eliane<sup>32</sup>, que viu as minhas tatuagens: “*Você gosta de histórias em quadrinhos? Vejo que tem a Mafalda tatuada no braço, que bacana, eu estou me aventurando em fazer quadrinhos, mas por enquanto não me considero quadrinista, meus trabalhos estão bem tímidos.*” (CADERNO DE CAMPO, JUNHO, 2022).

A partir desse ponto, começamos a conversar sobre esses desenhos que eram tão significativos e carregavam muito afeto em meu olhar, falamos sobre suas produções, sobre suas inspirações artística. Segundo o texto da Sônia Maluf (2001), ela diz que “portar uma tatuagem ou um piercing é também uma forma de se constituir como um determinado tipo de sujeito, nesse caso é o corpo, ou mais especificamente uma determinada corporalidade, que constrói uma determinada pessoa.”

---

<sup>32</sup>Nome fictício. Como descrevi na introdução, tomo cuidado e respeito prescritos no Código de Ética do Antropólogo e da Antropologia. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Código de Ética do antropólogo e da Antropologia, criado na gestão de 1986/1988 e alterado na gestão de 2011/2012. Disponível em <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

Dessa posição, quando me referi anteriormente da dificuldade de separar a pesquisadora, a leitora e fã de quadrinhos, a corporalidade que Maluf (2001) se refere na constituição da pessoa, eu não poderia abandonar essas questões que me afetam e me encantam. A partir desse ponto, deixei de lado todos os meus esquemas, planejamentos e organizações, guardei meu caderno de campo na bolsa, e “desci as escadas”, no sentido de repensar as minhas certezas e me coloquei como fã e leitora de quadrinhos com um olhar curioso sobre as obras e com disponibilidade de escuta, fora do contexto da minha pesquisa. E comecei a questionar os modos complexos da experiência, sentida no *on-line* e *off-line*:

Tanto *online* quanto *offline* são modos complexos de ser, que muitas vezes precisam ser desagregados (não agrupados como se todas as experiências *online* ou *offline* fossem de alguma forma as mesmas), a fim de diferenciar o que cada um pode significar para pessoas em circunstâncias específicas e como cada um pode se relacionar com um corpo físico. (HINE, 2020, p. 25).

Desse lugar de vivenciar a feira como fã, leitora de quadrinhos e apreciadora de obras de artes de produção independentes, tive uma série de conversas informais com artistas, produtores, donos de livrarias e visitantes, algumas conversas de certa forma estão diretamente ligadas a pesquisa, nas quais foram extremamente importantes para o desenvolvimento do meu trabalho. Deixei a mesa da Eliane e fui para o auditório onde estava acontecendo o evento Palavra Cruzada, encontro de escritoras e escritores de Goiás. Depois de um tempo sai do auditório e fui conversar com alguns quadrinistas, artistas e ilustradores que ainda estavam presentes, dessa interação ganhei quadrinhos e comprei zines. Conheci coletivos de mulheres artistas periféricas de Goiânia. O acompanhamento destas atividades, me permitiu uma entrada mais profunda e significativa naquele universo, que estava apenas no *on-line*, pude experimentar e vivenciar no *off-line*, sobretudo a produção local.

Nesse dia, estive com a Cátia Ana de forma breve, e combinamos de nos encontrar no segundo dia do evento para conversar sobre a minha pesquisa e fazer uma entrevista semiestruturada. Tivemos que sair mais cedo para participar da *live* de lançamento do “Dossiê Mulheres e Arte Sequencial: elas pesquisam, elas produzem”, onde a quadrinista juntamente com o Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG), em parceria com a ASPAS, reuniu textos e histórias em quadrinhos produzidas por mulheres.

Figura 16 – Capa da coletânea Dossiê Mulheres



Fonte: DOSSIÊ MULHERES E ARTE SEQUENCIAL (2022)<sup>33</sup>

No dia 12 de junho, segundo dia do evento, cheguei ao local as 11 horas, juntamente com as/os artistas e produtores, pude acompanhar a movimentação e organização das mesas, quando cheguei o dono de uma livraria me viu e de longe acenou e disse: *Eu coloquei a revista da Mina de HQ na mesa.*”<sup>34</sup> (DIÁRIO DE CAMPO, JUNHO, 2022). Foi, dessa cena que pude compreender, interagir e estabelecer laços de amizades, e observar a sociabilidade entre os e as artistas, pesquisadores e consumidores das produções independentes naquele local. Fui até a mesa da Cátia Ana e começamos a conversar sobre a *live*, de como o dossiê era importante para a história dos quadrinhos, a soma de forças de várias pesquisadoras, quadrinistas, como essas ações fortaleciam a memória e política das mulheres nas HQs.

Dessa conversa sobre o evento, Cátia Ana fechou a mesa e fomos conversar nas escadas. A mesma “escada” que, no dia anterior, eu descia das minhas certezas e me questionava enquanto antropóloga, estava se constituindo como local de minha pesquisa, contexto no qual estava fazendo etnografia. Entre dilemas e hesitação compreendi, a fala da Veena Das (2021, p. 6), em seu texto “Tessituras, texturas, treliças e tramas: o cotidiano, o ordinário e a tarefa da antropologia”, no qual a antropóloga observa que para encontrar um

<sup>33</sup> FORTUNA, D. B. S.; ALMEIDA, A. A.; SILVA C. A. B.; ALVES N. C. F. Dossiê mulheres e arte sequencial. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. (Coleção Desenredos; v. 16). Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/web/up/459/o/Desenredos\\_16.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/web/up/459/o/Desenredos_16.pdf). Acesso em: 18 dez. 2022.

<sup>34</sup> No dia anterior, conversei com o dono da livraria, falei da minha pesquisa, sobre a Mina de HQ.

afeto positivo, passa também por “encontrar o amor da antropologia, conquistado a partir do momento em que deixamos o conhecimento do outro nos marcar e afetar.”

O que seria uma entrevista semiestruturada, acabou se tornando naturalmente uma outra forma de interação, entre mim e Cátia Ana. Mais uma vez, deixei os meus roteiros, planejamentos, caderno de campo na bolsa, deslocando-me para um tipo de conversação que era de outra natureza, pois naquela escada conversamos livremente por mais ou menos umas duas horas. Essa conversa foi depois registrada em meu diário de campo, numa escrita que estava mobilizada por apontamentos carregados de afetos que de certa forma atravessam de modo profundo e doloroso, questões da minha própria subjetividade. Confesso que demorei para escrever sobre a experiência da “escada”, quando buscava dar conta de meu trabalho de campo para escrever esta dissertação. E inúmeras vezes escrevi no meu diário de campo, se o que eu estava fazendo era realmente um trabalho antropológico.

De certa forma, coloquei-me como uma observadora vulnerável, termo utilizado por Ruth Behar (1996), no livro “The Vulnerable Observer: Anthropology That Breaks Your Heart”. Neste texto, a autora sugere, que as pesquisas antropológicas, sejam conduzidas por pesquisadores que sejam honestos com suas próprias subjetividades, que reconheçam suas emoções e seus posicionamentos em campo. Ela defende que a pesquisa antropológica mais significativa e humana é aquela que parte o coração. É nesses entrecruzamentos de emoções, contextos, realidades, narrativas, fluxos, subjetividades, que me dediquei à antropologia das emoções e dos modos como aparecem questões como ética, responsabilidade e vulnerabilidade no trabalho etnográfico. O meu processo como pesquisadora, a intimidade que se estabelecia para além de uma estrutura formal de uma pesquisa mais acadêmica era algo importante neste novo momento da investigação. Foi a partir desse momento que compreendi que para mim o fazer antropológico sem afetos e emoções seria impossível, seria um exercício muito distante e não conseguiria a contento acessar, como eu gostaria, os processos de criações desta artista com quem eu estava estabelecendo relações de confiança, aliança, reciprocidade e de afeto.



Figura 17 - Autoralidade



Fonte: CATIA ANA, *quadrinhosinfinitos*<sup>35</sup>

Outro ponto interessante a ressaltar sobre as emoções, como se observa na figura sobre autoralidade, é que a prática do fazer quadrinhos acontece. Em conversa com a Cátia Ana, ela disse que seu primeiro trabalho como quadrinista, foi inspirado na vivência pessoal, uma história autobiográfica.

O projeto de O Diário de Virgínia nasceu de uma necessidade de entender e lidar com alguns aspectos da minha vida (dificuldades financeiras, falecimento da minha mãe, falta de perspectivas, virgindade). Busquei nas histórias em quadrinhos um gênero onde pudesse me expressar, iniciando assim um processo catártico e curativo. Visando um suporte onde pudesse criar e publicar minhas ideias me voltei para a internet. (SILVA, 2011, p. 7).

Cátia Ana é uma mulher cisgênero, heterossexual, de classe média (mas que vive na periferia de Goiânia), servidora pública, programadora visual da Universidade Federal de Goiás. Cátia tem graduação em Design Gráfico e é mestre em estudos literários, com dissertação sobre a representação do tempo na história em quadrinhos *Here*. Ela recebeu o troféu de melhor dissertação do HQMIX 2020<sup>36</sup>, um evento tradicional, que ocorre desde 1989, e se trata do “Oscar” brasileiro dos quadrinhos.

<sup>35</sup>Fonte: CATIA ANA. Autoralidade. Disponível em: [https://www.quadrinhosinfinitos.com.br/?page\\_id=889](https://www.quadrinhosinfinitos.com.br/?page_id=889). Acesso em: 20 abr. 2023. Optei por utilizar o nome Cátia Ana sem os sobrenomes nas referências, para situar a leitora e o leitor sobre a artista. Segundo ABNT seria SILVA, Cátia Ana Balduino da.

<sup>36</sup>O Troféu HQMIX possui o subtítulo “o Oscar dos quadrinhos do Brasil, titulação muito usada sobre a premiação que, ao se comparar ao Oscar, busca enfatizar sua importância para o cenário de HQs do país. A premiação foi criada em 1989 por José Alberto Lovetro e João Gualberto Costa e visa divulgar, valorizar e premiar a produção de artes gráficas no Brasil. (SIERPINSKI, 2021, p. 53)



Figura 18 – Cátia Ana



Fonte: Print do perfil do Instagram @quadrinhosinfinitos<sup>37</sup>

Sobre os diálogos com a antropologia visual e das emoções, em conversa com a quadrinista Cátia Ana, sobre a minha narrativa da “Escada” – da certeza a vulnerabilidade, resolvi ousar nas experimentações etnográficas. De acordo com Mariza Peirano (2008), o maior desafio da etnografia é comunicar uma nova descoberta, desvendar novas questões, trazer novas dúvidas, ampliar o leque de possibilidades interpretativas, nesse sentido apresento a ilustração da cena da “escada”.

Nessa experimentação compartilhada, da nossa experiência com a “Escada”, das minhas narrativas, observadora vulnerável da antropologia que parte o coração de Ruth Behar (1996), dos afetos e emoções que atravessa a pesquisa etnográfica da antropóloga Michelle Rosaldo (2019), a etnografia do particular de Lila Abu-Lughod (2018). Nessa relação estabelecida em campo, resolvemos criar uma ilustração, que poderia representar também a relação que tivemos em minha pesquisa e também numa relação de amizade que foi florescendo a partir de minha investigação em campo. A cena da escada não foi construída no mesmo dia do evento; essa ilustração nasceu de uma conversa informal, das nossas conversas diárias e de trocas de informações. Nesse sentido compreendo que, quando Etienne Samain (2012, p. 23), fala que toda imagem é memória de memórias, uma “sobrevivência”, uma “supervivência”, podemos também apontar como uma possibilidade de sobrevivência e de rememoração quando nos lançamos a construir de forma compartilhada uma narrativa visual

<sup>37</sup> QUADRINHOSINFINITOS. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/catia\\_anahq/](https://www.instagram.com/catia_anahq/). Acesso em: 8 mar. 2023.



três bonecas atrás, representa a pressão interna, as várias falas de artistas, pesquisadoras que tive contato por meio da internet, mostra os conflitos entre os lugares e as conexões *on-line* e *off-line*, e as tensões da representação etnográfica. O segundo desenho mostra a hesitação de estar fora do trabalho de campo *on-line*, daquela cena entendi as questões que Christine Hine (2020), fala sobre o “estranhamento”. A internet envolve lembrar que seu uso é moldado e modelador das circunstâncias locais e que nos parece rotineiro e natural na internet não necessariamente pareceria como tal em outro local.

Antes de escolher sobre o ângulo da escada em minha parceria com Cátia Ana, nos encontramos pessoalmente, conversamos sobre os esboços e como essas imagens refletem o pensamento de Samain (2012, p. 22), quando o autor diz que as imagens por natureza são memórias, focos de emoções, de sensações, isto é, lugares carregados precisamente de humanidade. Entre o fazer, tirar, colocar elementos. Pensamos em algumas artistas, mas nos deparamos com os aspectos legais e éticos da pesquisa. Mostrei a minha dissertação para Cátia Ana, expliquei os capítulos, os diálogos com as mulheres pesquisadoras, artistas e quadrinistas. Todas essas questões foram colocadas por mim e mencionadas em nosso diálogo, na criação da ilustração.

Figura 20 - Esboço 2 da cena etnográfica da escada



Fonte: Acervo da pesquisadora

*Oi! Segue um esboço da ilustração. Veja se está bom essa composição (a escada deu trabalho rsrs). Você aprovando eu faço um esboço mais limpo e te mando de novo. (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL 2023).* Recebi esse arquivo pelo Whatsapp, na troca com Cátia Ana.

Até esse momento eu não pretendia colocar esses rascunhos na dissertação, estava no meu diário de campo e nas minhas anotações diárias. No texto de Etienne Samain (2012), “Como pensam as imagens”, o autor cita que as imagens deveriam pertencer à ordem das coisas vivas. Nesse sentido, comecei a vislumbrar a escrita dessa parte utilizando os desenhos, como forma de promover aqui também debates sobre os modos de conhecer os processos criativos de minha interlocutora.

Cátia Ana me desenhou sentada na escada em diálogos com a Mina de HQ (a identidade visual da Mina foi apresentada no primeiro capítulo), e vários balões mostram os diálogos das mulheres pioneiras no Brasil, a cartunista Nair de Teffè, a Pagu, e o símbolo do feminino juntamente com mão fechada, ou punho cerrado que expressa nessa ilustração unidade, força e resistência.

Aprovei a composição da ilustração, com duas ressalvas, colocar o meu cabelo cacheado, faz parte da corporalidade e da constituição da minha subjetividade. A outra solicitação foi inserir na cena a própria quadrinista: Cátia Ana. É desse cenário entre a Mina de HQ e em conversas com a artista que nasceu essa pesquisa etnográfica.

Figura 21 - Esboço 3 e 4 da cena etnográfica da escada



Fonte: Acevo da pesquisadora

O uso desses rascunhos foram autorizados pela Cátia Ana. Essa ilustração, que foi feita em colaboração, é uma experimentação etnográfica no sentido, de uma pesquisa compartilhada:

Qualquer movimento que represente apropriação dos conhecimentos alheios, mesmo que consiga fazê-lo na essência, não terá legitimidade se este não for assinado em co-autoria com os próprios donos desse conhecimento, já que como investigadores de fora os antropólogos não têm a autoridade para representar um conhecimento que é alheio, reforçando as práticas coloniais de subalternização do outro (RAPPAPORT, 2007, p. 219).

Quando recebi a ilustração questioneei se essa cena seria uma síntese do que vivenciei em campo. Seria esse o caso? Ao olhar para todo o processo na realização dessa arte final, compreendi que essa imagem é um “fenômeno na medida em que é, com efeito, o resultado de um processo que combina aportes dos, mais variados” (SAMAIN, 2012, p. 30). Para chegar nessa ilustração, o campo foi um espaço de construção e interpretação coletiva, não só minha e da Cátia Ana, mas de todas as pesquisadoras, ilustradoras, cartunistas, artistas, quadrinistas, jornalistas e da Gabriela Borges da Mina de HQ.

Figura 22 - Arte final da Cena etnográfica da Escada



Fonte: Acervo da pesquisadora



A cena da “escada”, foi muito além dessa etnografia descrita na dissertação, teve outras nuances, confidências, choro, relatos que não cabe descrever. Como pesquisadora preocupada com ética, optei por trazer um recorte da vivência daquele dia. Neste segundo capítulo – “*Mundos possíveis*”, que é um título retirado da segunda edição da revista da Mina de HQ de 2021, destaquei debates sobre expectativas e incertezas, que a pandemia nos trouxe, dando conta de como afetou os processos criativos, mas como possibilitou também que novos formatos surgissem, dando espaços para novas/os artistas, quadrinistas, ilustradores/as.

É dessa cena entre expectativas e incertezas, que volto a falar sobre a Eliane<sup>38</sup>, que conheci na feira e-cêntrica, da Aurora<sup>39</sup> e do João,<sup>40</sup> entre outros artistas que surgiram em meio à pandemia. A feira e-cêntrica foi momento de compartilhar os trabalhos fora do ambiente *on-line*. O “estranho” e os conflitos e tensões entre *on-line* e *off-line*, não aconteceu só comigo como pesquisadora; a estranheza, como nos fala Hine (2020), foi sentida pelos artistas, pelos visitantes, donos de livrarias, durante os dois dias de eventos, pelo que consegui registrar, foram se criando novas formas de sociabilidade. São dessas vivências, da etnografia compartilhada sobre a cena da escada que a etnografia destes múltiplos espaços foi se constituindo, nos diálogos com aportes da antropologia visual, das emoções e dos marcadores sociais das diferenças, sob o marco teórico da interseccionalidade, parte a minha percepção visual das narrativas gráficas, das revistas da Mina de HQ.

---

<sup>38</sup> Nome Fictício; como descrevi na introdução, tomo cuidado e respeito prescritos no Código de Ética do Antropólogo e da Antropologia. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Código de Ética do antropólogo e da Antropologia, criado na gestão de 1986/1988 e alterado na gestão de 2011/2012. Disponível em <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

<sup>39</sup> Nome Fictício de acordo com o código de ética do Antropólogo e da Antropologia;

<sup>40</sup> Nome Fictício de acordo com o código de ética do Antropólogo e da Antropologia;

#### 4 “CORPOS QUE NARRAM” - NAS FRESTAS DO DISCURSO HEGEMÔNICO, AS MULHERES (R)EXISTÊM.

*Mas como pode a mulher contar a sua própria história se o discurso majoritário é dado, definido, pelo homem? Se a imagem feminina que ela tem de si mesma foi construída em filmes, livros e arte em sua maioria feita por homens, a partir de um olhar masculino? Como, nessa divisão, encontrar nas frestas do discurso suas possibilidades silenciadas, seu próprio desejo (tantas vezes desconhecidos), Buscar a sua própria linguagem?*  
(CAROLA SAAVEDRA, 2021, p. 64)

Tomo como ponto de partida as narrativas gráficas das revistas da Mina de HQ, sobre os diferentes corpos que narram, as diferenças formas de narrar e os diferentes tipos de desenhos, sob um olhar independente, feminista e com perspectiva de gênero. O desafio no qual me lancei, nesse capítulo, foi o de desenvolver uma etnografia de documentos dentro das discussões sobre os marcadores sociais das diferenças, sob o marco teórico da interseccionalidade, utilizando as discussões que o antropólogo Carlos Eduardo Henning (2015, p. 117) definiu como de “agência interseccional”. Segundo o autor, são “espaços de ação calcados em marcadores sociais da diferença e que se dão em resposta aos cenários potenciais de desigualdades com as quais os sujeitos se confrontam”. A partir desse conceito, a construção da abordagem de análise socioantropológica foi construída com as três revistas impressas da Mina de HQ, edição 1ª de dezembro 2020, edição 2ª de 2021 e edição 3ª de 2022.

Figura 23 – Colagem das capas das revistas Mina de HQ



Fonte: MINA DE HQ<sup>41</sup> (2023)

<sup>41</sup> MINA DE HQ. Disponível em: Disponível em: <https://minadehq.com.br/>. Acesso em: 06 fev. 2023.

Na primeira revista, a temática: *É hora de CELEBRAR*! Fala da importância da revista impressa, com 20 quadrinhos feitos por artistas brasileiras, exclusivos para a Mina de HQ, com muitas das histórias em quadrinhos da primeira edição se focando na pandemia do novo coronavírus e no contexto de isolamento social. A segunda edição da revista trabalha com a ideia de *“Mundos Possíveis*. Nessa edição se teve como foco o processo criativo e de como as artistas foram afetadas durante a pandemia por seus variados efeitos, os desafios das lojas de quadrinhos no Brasil, os novos formatos que surgiram pelo viés digital e como essas questões trouxeram as pautas sobre gênero, identidades, de diversidades e origens plurais. Na terceira edição, Gabriela Borges trabalha com a proposta – *Afinal, tudo é POLÍTICA*. O ano de 2022, foi marcador por desafios para os brasileiros, estávamos saindo do isolamento social e vivemos um conturbado período eleitoral. Abordando essa perspectiva, a Mina de HQ enfocava a discussão em torno do fato de que *“a verdade é que política – principalmente a nossa existência é política – é um tema inevitável neste ano”*. Apresento em forma de tabela abaixo os eixos narrativos das revistas, são temas principais nos quais são realizadas divisões temáticas. São um total de 20 a 25 colunas com quadrinhos, reportagens e entrevistas ilustradas em cada edição.

Tabela 1 - Divisão das HQs em eixos Narrativos<sup>42</sup>

| Eixos narrativos  | 1ª ed. /2020 | 2ª ed./ 2021 | 3ª ed./ 2022 |
|-------------------|--------------|--------------|--------------|
| Pandemia          | 10           | 1            | 0            |
| Sexualidade       | 2            | 4            | 1            |
| Velhice           | 1            | 1            | 1            |
| Saúde mental      | 2            | 2            | 3            |
| Maternidade       | 0            | 2            | 3            |
| Raça              | 2            | 1            | 2            |
| Gênero/ Política  | 4            | 10           | 11           |
| Fake News/ plágio | 0            | 2            | 0            |

Fonte: elaborada pela autora

Dentro desses eixos principais, observei que há um esforço na dimensão da interseccionalidade presente nas narrativas centrais dos quadrinhos, com entrevistas e reportagens com algumas categorias tais como gênero, sexualidade, raça/cor, classe, geração. Há também com frequência a dimensão da localidade, pois dentro do mercado de histórias em quadrinhos, a questão da localidade aparece como questionamento que proporciona visibilidade e/ou invisibilidade na produção e no consumo das HQs.

<sup>42</sup> São temas principais dos quadrinhos da revista.



Mas afinal quem são essas artistas, as quadrinistas? Quem são os corpos que narram? Cabe ressaltar aqui que o sentido de corpo, que utilizo a partir das discussões de Sônia Maluf (2001, p. 96), enquadra o corpo como algo que deixa ser mero objeto e passa a ser agente e sujeito da experiência individual e coletiva, veículo e produtor de significados, instrumento e motor de constituição de novas subjetividades e novas formas do sujeito.

É interessante observar essa discussão sobre corporalidade, pois a estratégia da revista e todo o trabalho da Mina de HQ, seja no site, nas redes sociais, canal do Youtube, tinha como proposta trazer quadrinhos diversos, incentivando um cenário visual no sentido de representar vários tipos diversos de desenhos e traços, diferentes formas de narrar e também potencializar as diversidades de artistas de várias localidades e regiões do Brasil. Partindo desse campo fértil sobre as narrativas das revistas, o que contribuiu para a análise e compreensão sobre as diferentes experiências de ser mulher cis, trans, e pessoas não binárias, nesse trabalho, foi justamente a apresentação dessas quadrinistas, artistas, ilustradoras realizadas pela MHQ. Nara Lage (2022) fala que disponibilizar trabalhos, portfólios e escrever minibiografias são formas para ampliar a memória sócio-histórica sobre as mulheres nos quadrinhos brasileiros. Segue abaixo a tabela com as divisões por regiões e localidades:

Tabela 2 - Artistas, quadrinistas e suas regiões<sup>43</sup>

| Regiões do Brasil                                                   | 1ª ed. 2020     | 2ª ed. 2021 | 3ª ed. 2022     |
|---------------------------------------------------------------------|-----------------|-------------|-----------------|
| Norte                                                               | 0               | 3           | 4               |
| Nordeste                                                            | 5               | 3           | 4               |
| Centro-Oeste                                                        | 2 <sup>44</sup> | 0           | 2 <sup>45</sup> |
| Sudeste                                                             | 11              | 11          | 6               |
| Sul                                                                 | 2               | 2           | 3               |
| Demais localidades:<br>EUA, Chile,<br>Índia, Argentina,<br>Colômbia | 3               | 2           | 3               |

Fonte: elaborada pela autora

<sup>43</sup> Coloco uma observação na região centro-oeste, pois essa foi desenvolvida nessa região.

<sup>44</sup> Na primeira edição temos a publicação da quadrinista Ellie Irineu, de Mato Grosso do Sul e da Gabriela Masson de Brasília, DF

<sup>45</sup> Na terceira edição teve publicação do centro-oeste, com o quadrinho da Cátia Ana de Goiás, e Diana Salu de Brasília, DF.

Com essas divisões das publicações por regiões do Brasil e fora do país, chamo atenção para as publicações do Centro-Oeste, *lócus* privilegiado de minha pesquisa. Neste contexto, observa-se que existem menos trabalhos publicados, sendo que Goiás aparece somente na 3ª edição. As demais localidades são Brasília, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A partir da leitura mais apurada das HQs e na busca de uma observação com foco nos marcadores como raça/cor, gênero, corpo, geração e localidade, atento aos modos como as narrativas das quais as artistas potencialmente se utilizam tem relação com as próprias marcas identitárias que carregam em suas corporalidades e subjetividades. Apresento aqui as narrativas visuais sob as perspectivas de desenvolvimento de táticas de resistência, de questionamento e de desconstrução da desigualdade, de diferenciação e dos processos de discriminação e preconceito, sobretudo naqueles que se constituem sob distintas formas de agência interseccional.

Dessa maneira, é preciso frisar que ao mesmo tempo em que a noção de interseccionalidade abre um relevante espaço para análise de contextos específicos de construção de diferenciações e de desigualdades sociais, ela pode também proporcionar uma contrapartida em termos de um potencial para analisar e pôr em relevo as ferramentas agenciais para “desfazer”, “desmontar” e “desconstruir” possíveis desigualdades. (HENNING, 2015, p. 118).

Do ponto de vista de Henning (2015), sobre as agências, utilizo as narrativas gráficas como ferramentas de análise para “desfazer”, “desmontar” e “desconstruir” tais representações e, partindo do pensamento de Etienne Samain (2012), busco também me aprofundar em como pensam estas imagens produzidas pelas quadrinistas, tendo em conta que para este autor as imagens são portadoras de pensamentos e como tal nos fazem pensar e agir.

O quadrinho escolhido, como ponto de partida, é o Mater, da quadrinista Cátia Ana. Cabe aqui informar o que me fez escolher esta narrativa gráfica tem relação pessoal, de afeto e etnográfica que estabeleci com a artista. Essa obra mediou nossas conversas em diversos momentos e pude conversar com Cátia Ana sobre suas conexões e colaborações ocasionais da artista com a MHQ. Nesse sentido, das relações entre o universo dos quadrinhos, entre produção e sociabilidades é que a criação acontece. Sobre tal dinâmica, Deyse Brandão (2021), nos fala que o fazer quadrinhos nos permite viabilizar e participar de determinadas práticas sociais, pois é um tipo de mídia visual que consegue vincular-se às pessoas em suas redes, fluxos e conexões em suas relações sociais.

#### 4.1 “Mater” - Gênero, reprodução, sexualidade, raça e direitos sexuais e reprodutivos

“Ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca do imaginário para sonhar”. (SAIMAN, 2012, p. 22). Essa expressão utilizada por Samain sintetiza que as imagens são coisas vivas, que pulsam e nos provocam a pensar, a sonhar, a criar. Assim foi a construção dessa narrativa, com o tema proposto por Gabriela Borges, maternidade. *A partir do tema, comecei a refletir, como a maternidade me atravessa. Participar do projeto da Mina de HQ, olha foi uns dos trabalhos mais bem pagos.* (Entrevista de CÁTIA ANA, CADERNO DE CAMPO, SETEMBRO, 2022).

Sobre o ato de criação de uma narrativa gráfica, Daniele Barbieri (2017), em seu livro “As linguagens dos quadrinhos”, enfatiza que saber desenhar não é somente criar imagens em sua semelhança, mas criar imagens eficazes que destaquem os aspectos importantes para o discurso que se pretende fazer. Essa HQ foi publicada em maio de 2021 no site da MHQ<sup>46</sup>, e foi publicado na revista Mina de HQ, na 3ª edição de 2022 para celebrar as diversas maternidades. A proposta da Gabriela Borges foi a de trazer a discussão sobre as maternidades possíveis, saindo do estereótipo da romantização que se estabelece em torno da dos fazeres e posições maternos:

*Maio é o mês das mães e por isso nosso tema é MATERNIDADE. Mas não vamos falar apenas das mães de comercial de margarina. Há diversas maternidades possíveis e precisamos refletir sobre o que significa ser mãe numa sociedade patriarcal. Que tipo de mãe foi a sua? Que tipo de mãe você é ou quer ser? Essa é a reflexão que a quadrinista Cátia Ana, de Goiás, traz no nosso primeiro quadrinho do mês. (Texto retirado do site da Mina de HQ, CADERNO DE CAMPO, NOVEMBRO 2022).*

Para a criação do quadrinho, Cátia Ana utilizou lápis aquarelável. Os traços foram realizados em nanquim<sup>47</sup> com pincel. Conversamos sobre essa técnica, que segundo a quadrinista: *“é uma técnica que eu gosto e me acostumei com ela. Já tentei voltar pro digital e experimentar com tinta guache, mas prefiro ela mesmo.* (Entrevista registrada no DIÁRIO DE CAMPO, JUNHO, 2022).

<sup>46</sup> MINADEHQ. Maternidades possíveis. Disponível em: <https://minadehq.com.br/maternidades-possiveis/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

<sup>47</sup> O nanquim é uma das tintas mais populares do planeta. Surgida na China há mais de 4500 anos, a tinta apresenta uma cor negra intensa, extremamente fluida e de rápida absorção por seu suporte mais comum, o papel. Os pincéis são essenciais em um trabalho com nanquim. Prestam-se aos trabalhos com aguadas e também com a tinta concentrada. Praticamente se pode trabalhar com qualquer tipo, observando a natureza do trabalho e a escolha de pincéis macios ou duros. Com eles, se fazem linhas puras e texturas com bastante versatilidade. MARCELO ALBUQUERQUE. Arte e culturas. Disponível em: <https://arteculturas.com/2017/03/30/nanquim-introducao/>. Acesso em: 24 mar. 2023.

No quadrinho, a narrativa é formada com muita leveza e sensibilidade. Durante esses dois anos em que acompanho o trabalho da artista, percebi que a maioria dos corpos desenhados, como no *Mater*, foge do padrão social dos quadrinhos, das imagens do *mainstream*, com corpos magros, mulheres jovens, sexualizadas. Por mais que sejam corpos de mulheres consideradas brancas, pois seu trabalho é uma autobiografia, sua experiência social sobre a maternidade, utiliza-se de uma contra narrativa para problematizar e questionar legitimidade de narrativas hegemônicas sobre a corporificação feminina e algumas das habilidades relacionadas à maternidade que são comumente atribuídas a estes corpos.

Figura 24 – colagem do quadrinho *Mater*



Fonte: Mina de HQ. 2022<sup>48</sup>

<sup>48</sup> CATIA ANA. *Mater*. Mina de HQ – uma olhar independente, feminista e com perspectiva de gênero sobre as histórias em quadrinhos. Florianópolis, SC. 3. ed. p. 26, 2022.

Nos quadrinhos Mater, a quadrinista primeiramente agradece as mulheres que vieram antes dela, especialmente sua mãe, que precisou abdicar de seus projetos pessoais em sua própria vida para cuidar dos seus filhos. Essa fala da quadrinista traz reflexões sobre o lugar socialmente construído para as mulheres no passado e na atualidade. Cátia Ana representa e assume sutilmente algumas questões relacionando conceitos caros ao seu trabalho visual. Pude notar que em seu desenho, e na forma como constrói suas narrativas, aparecem algumas categorias centrais para pensarmos numa abordagem também ela interseccional na maneira de criar estas imagens. Tal como discuto adiante, são categorias que surgem em intersecções com os outros marcadores sociais das diferenças, se relacionado com “o peso da maternidade”, a experiência social da vivência da maternidade”, a “maternidade enquanto construção social” e os “direitos sexuais e reprodutivos”.

Em minha análise visual dos quadrinhos da artista e das revistas da Mina de HQ, não me deterei tanto em descrever os desenhos, tipos de traços, técnicas de produção e criação das obras. Aqui, a proposta é a de apresentar essas narrativas gráficas focando em seu conteúdo e buscando articulações para discutir questões, conflitos e dilemas da vida humana, especificamente as questões sociais, culturais das mulheres. Cátia Ana não se posiciona como feminista ou ativista do movimento. Mas suas obras, como podemos observar na Figura 25, trazem reflexões sobre o movimento feminista contemporâneo das últimas décadas.

Dentre as mudanças mais significativas das últimas décadas, estão as que ocorreram na relação da mulher com a maternidade, atingindo, de maneira importante, a vida familiar, da concepção social de feminilidade às relações entre os sexos, às formas de conjugalidade, à própria visão do cuidado. [...] Apesar de a maioria das mulheres acabar por se tornar mãe em algum momento da sua vida, tem havido uma tendência crescente entre elas a adiar ou a optar por não ter filhos. (BARBOSA; ROSA-COUTINHO, 2012, p. 577).

Um dos desafios que enfrentei durante a realização do mestrado e da pesquisa foi a minha relação com a maternidade. Ao adentrar nos estudos sobre maternidade e ciência, especificamente em antropologia, fui por ela afetada no sentido da expressão utilizada por Jeanne Favret-Saada (2005). Juntamente com a escrita etnográfica, novas práticas e obrigações permeavam a minha própria relação pessoal, na relação entre carreira acadêmica, profissional e o maternar. Durante a realização do mestrado, recebi o diagnóstico de autismo do meu filho e com ele um sentimento de novas responsabilidades com a maternidade de uma criança atípica, as intensas idas nas sessões de terapias, com longos momentos de espera. Nessas ocasiões, as revistas da Mina de HQ me faziam companhia, entre uma leitura e as reflexões que eu ia fazendo sobre a pesquisa de campo e a experiência no mestrado. Via-me

em constantes diálogos com as várias formas sociais de maternidade que vivencio na sala de espera, entre as mães nas clínicas das múltiplas terapias que meu filho tem que participar e os processo de construção e reconstrução relativas ao cuidado. Comecei a escrever no meu diário de campo sobre os relatos e experiências presentes naquela sala de espera, algo que Sheila Kitzinger (1978), nos fala que ao trazer outras formas de ser mãe, presentes nas experiências de outras mulheres, contextos nos quais se possa talvez fornecer uma espécie de antídoto contra os livros de receitas de maternidade.

Todas estas questões me atravessavam e produziam em mim reflexão crítica, suscitadas a partir da narrativa da Cátia Ana sobre seu privilégio da decisão de não ser mãe e investir na carreira artística, acadêmica, outras realizações pessoais, fora do mito do amor materno romântico. Juntamente com a minha vivência materna e observação das mães de crianças atípicas nas clínicas, eu me dava conta da falta de representatividade de mães artistas em eventos acadêmicos e de quadrinhos, remetendo-me a uma das falas da Gabriela Borges, que tinha recentemente se tornado mãe, sobre sua carreira profissional e a maternidade,

*Ontem, 25/05, foi o Dia do Orgulho Geek. E também o dia em que Lila, minha filha, completou 4 meses. Comemorei as duas datas assim, lendo gibi para ela, entre inventar brincadeiras, amamentar, fazer dormir, trocar fralda e começar tudo de novo, rs. A verdade é que estou começando a sentir na pele como é difícil maternar e trabalhar (por exemplo, só consegui tempo para escrever essa newsletter de noite, depois de colocar a Lila para dormir. Mas, nas duas vezes que acordou para mamar, ela agarrou no meu dedo, fazendo ser ainda mais difícil voltar para o computador...). Todo dia tenho a sensação de que deveria estar fazendo muito mais aqui na MHQ. Se manter um trabalho independente e feminista com relevância sem ter filhos já era um desafio, agora é muito mais. Mas estou voltando, aos poucos. E agradeço MUITO à Dani Marino, que chegou junto de verdade e está me ajudando, apoiando e fazendo a Mina de HQ acontecer. Isso é sororidade na prática, rede de apoio, amizade e também a certeza de que o trabalho feito aqui é importante. Talvez a MHQ não cresça como vejo outros canais crescendo e recebendo apoio. Mas eu sei, e vocês sabem, da importância da Mina de HQ para a cena e o mercado brasileiro de quadrinhos, conquistada nesses 8 anos de existência e resistência. E pode ter certeza de que, mesmo com as nossas limitações, tudo o que fazemos é para furar a bolha do mainstream, focar em diversidade e dar visibilidade a quadrinhos que não costumam ser divulgados (ou não o suficiente). Mesmo que a gente não consiga falar de tudo. (relato postado no Instagram da MINA DE HQ, 2023).*

Dessa perspectiva parte a análise socioantropológica das narrativas gráficas, sobre a maternidade, em diálogos com a interseccionalidade, que realizo aqui. Durante as leituras das etnografias das disciplinas, questionava como seria uma antropóloga mãe e seu trabalho de campo. O mesmo questionamento também se dá para as mulheres quadrinistas, como vimos no segundo capítulo, nos eventos que fazem parte da sociabilidade destas artistas e nas práticas do fazer quadrinhos acontecem, pois, participação nos eventos é importante para a visibilidade dessas artistas. Partindo do pressuposto de que as revistas são parte das conexões

entre artistas e a Mina de HQ, como lugar cultural, apresento a seguir discussões que as revistas trazem em forma de narrativas gráficas, reflexões, críticas, dilemas sobre questões de gênero, raça/cor, classe social, com o recorte sobre a corporificação feminina, habilidades relacionadas à maternidade e ao cuidado.

#### 4.1.1 Corporificação feminina e a maternidade e suas construções sociais

“Introspecção, a memória, a identificação, uma mistura de pensamento e emoção. Imagens, como o próprio termo diz, envolvem, mais do que texto descritivo, a imaginação de quem as contempla” (CAIUBY NOVAES, 2008, p. 465). Mas a contemplação de uma imagem, de acordo com Sylvia Caiuby Novaes (2008, p. 65), “acompanha um processo de imaginação ao passo que se nutre do imaginário social e o alimenta”. Para adentrar nas questões sobre as narrativas gráficas das revistas, primeiramente preciso localizar algumas questões sobre a representação e as histórias em quadrinhos.

A identificação feminina passa a ser materializada sob forma de atributos; cada um deles constitui um marcador de gênero e carrega um sentido já dado. As representações femininas encontradas nas histórias em quadrinhos norte-americanos apresentam-se em duplo, ou seja, uma característica positiva é sempre associada a uma característica negativa. A cada modelo – mãe, esposa, criança, virgem ou vagabunda – corresponde uma combinação de características que resulta em determinados tipos físicos que equivalem à representação feminina que se deseja suscitar. (OLIVEIRA, 2007, p. 142)

Para Camila Wichers (2019, p. 238) e Stuart Hall (2016), falam que as “representações são atos criativos que atuam na construção social da realidade e cujos significados não podem ser fixados. As representações estão relacionadas ao que as pessoas pensam sobre o mundo e sobre o que “são” nesse mundo”. Em casos em que estamos falando das representações de mulheres, o corpo feminino é idealizado para e com base no olhar masculino, tal como proposto por Selma Oliveira (2007), e é desse olhar masculinista que se criou um modelo de feminilidade em oposição ao modelo de sexualidade. Para compreender e elucidar essas questões, trago aqui o quadrinho da Artista Amanda Miranda (2020, p. 15). Publicado na primeira edição da revista da Mina de HQ. Amanda é quadrinista e ilustradora, de “Santa Bárbara do Oeste, interior de São Paulo, a artista explora o gênero de horror psicológico, com cores destacadas e quentes, essa narrativa gráfica teve inspiração do livro da Virginia Woolf “um teto todo seu”.

Millamant, Clarissa, Becky Sharp, Ana Karênina, Emma Bovary, Mme de Guermantes – os nomes afluem à mente e não evocam mulheres que “carecem de personalidade e temperamento”. De fato, se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa de maior

importância; muito variada; heroica e cruel, esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda ao extremo; tão grandiosa como um homem, para alguns até mais grandiosa. Mas isso é a mulher na ficção. Na vida real, como o professor Trevelyan apontou, ela era trancada, espancada e jogada de um lado para o outro. (WOOLF, 2014, p. 65).

Figura 25- Colagem do quadrinho Materialização da feminilidade



Fonte: MIRANDA, Amanda. (2020, p.15)<sup>49</sup>

O “desfazer” do corpo apresentado por Amanda Miranda, sobre a materialização da feminilidade, é um movimento de desafio às convenções impostas a esse corpo. A tradicional visão sobre a mulher e sua feminilidade está diretamente atrelada ao mito do amor materno de Elisabeth Badinter (1985), sendo o momento de maior realização da mulher, em que esta encontraria sua plenitude enquanto sujeita. “Compreender a maternidade enquanto construção social é se contrapor à noção de que as mulheres foram feitas para serem mães”. (VERANI, 2022, p. 47.).

E as práticas, as relações das mulheres com a maternidade, sem problematizar questões entre gênero e classe, raça/cor, é reforçar os estereótipos em torno da mulher. Kimberlé Crenshaw (2004), alerta que há estereótipos de gênero que “determinam quem é uma mulher boa e quem é uma mulher má, a imagem de que eram sexualmente promíscuas. A

<sup>49</sup> Essa história em quadrinhos está no site: MINA DE HQ. Disponível em: <https://minadehq.com.br/a-materializacao-da-feminilidade/>. Acesso em: 05 maio 2023. E na Revista Mina de HQ da primeira edição de dezembro de 2020.



construção de estereótipos é compreendida como violência simbólica, podendo gerar ou reforçar a violência física” (CRENSHAW, 2004, p. 12).

A percepção desta dimensão moral sobre os estereótipos “não advém da atividade em si, mas em como tal atividade se reflete sobre obrigações sociais atribuídas a quem cuida e sobre quem faz essa atribuição” (TRONTO, 1997, p. 189). Com isso em mente, busquei nas narrativas gráficas, quadrinhos que discutissem essas questões, sobre maternidade e suas representações. Uma vez identificado a categoria de análise, comecei a observar as intersecções entre os marcadores sociais das diferenças entre raça/cor, classes sociais e localidade.

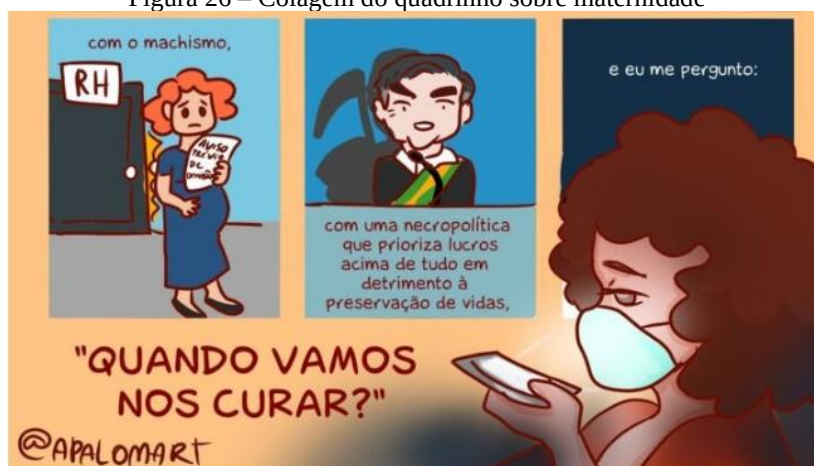
Atento-me às representações das mulheres, seus corpos, suas vivências e situações narradas. A primeira edição da revista Mina de HQ de dezembro de 2020, tem a reportagem de Samanta Coan (2020, p. 42), na qual ela observa sobre como é necessário “que nossas vozes sejam ouvidas”. Por meio de duas HQs de Bennê Oliveira, de Pernambuco e Triscila Oliveira, do Rio de Janeiro, essas narrativas gráficas, nos mostram um pouco da realidade das trabalhadoras domésticas no Brasil. E o quadrinho da Ana Paloma Silva, que representa uma mulher grávida, retrata questões sociais que os brasileiros enfrentaram durante a pandemia, num exercício de que os quadrinhos são importantes “quando vamos nos curar”<sup>50</sup>.

Muitos dos quadrinhos reunidos nestas três edições retratam histórias que tocam e problematizam as desigualdades sociais que vivemos no Brasil nos últimos anos. A imagem da narrativa de Ana Paloma elucida vários relatos que escutei na clínica enquanto esperava por meu filho, narradas por outras mães de crianças atípicas, especificamente de crianças autistas. As mães que tenho contato durante as sessões de terapia do meu filho abandonaram a carreira profissional e acadêmica, outras voltaram para profissões diretamente ligadas às necessidades das crianças. O mercado de trabalho é excludente, como ilustrado no quadrinho: “RH com machismo”, principalmente com as mulheres mães, e as desigualdades só pioram com outras intersecções e marcadores como gênero, raça/cor e classe.

---

<sup>50</sup> MINA DE HQ. Disponível em: <https://minadehq.com.br/quando-vamos-nos-curar/>. Acesso em: 11 abr. 2023. Foi publicada na revista: MINA DE HQ: um olhar independente, feminista e com perspectiva de gênero sobre as histórias em quadrinhos. Florianópolis, SC. 1. ed. dez. 2020.

Figura 26 – Colagem do quadrinho sobre maternidade



Fonte: MINA DE HQ (2020, p. 49)

“Uma das formas sociais do cuidado e da maternidade é o trabalho doméstico, tomado como uma obrigação das mulheres que se tornam mães, reiterando a naturalização de um modelo de feminilidade como a que cuida”. (VERANI, 2022, p. 48). Nessa perspectiva discorro sobre maternidade e mulheres negras, apresentadas nas revistas da MHQ.

Figura 27 – Leve mente insana



Fonte: COAN, Samanta (2020, p. 43)

Bennê Oliveira, artista de Recife, é filha de Janaína, trabalhadora doméstica, tirando daí sua inspiração para produzir suas tirinhas. “Faço tirinhas sobre ela ser empregada

doméstica e como certas coisas me incomodam”. Segundo Samanta Coan (2020), as imagens de Bennê denunciam discursos cínicos presentes na realidade das trabalhadoras domésticas no Brasil, tais como “você também é parte da família”, o recorrente acúmulo de função, a baixa remuneração, entre outros processos sociais de precarização do trabalho. O interessante nas narrativas de Bennê Oliveira é a forma de “desconstruir” os estereótipos e a representação da mulher negra, destacando a perspectiva de filha de uma trabalhadora doméstica.

Figura 28 – Colagem dos quadrinhos Os Santos



Fonte: MINA DE HQ (2021).<sup>51</sup>

<sup>51</sup> A história em quadrinho completa foi retirada do site da Mina de HQ, na revista está somente a cena dos quadrinhos 4ª e 5ª cena. Mina de HQ. Disponível em: <https://minadehq.com.br/que-nossas-vozes-sejam-ouvidas/>. Acesso em: 29 mar 2023.



Nas construções das narrativas de Triscila Oliviera, juntamente com Leandro Assis, lançaram os quadrinhos Os Santos nas redes sociais durante a pandemia, ganharam atenção pela forma direta de endereçamento em seu discurso sobre os privilégios de certas classes sociais no Brasil. Tal como observam uma de suas criadoras, “foi necessário desenhar para que muita gente começasse a compreender o que sempre esteve na cara de todo mundo, enfatiza a Triscila”, (COAN, 2020, p. 43). Triscila traz estas perspectivas narrativas para “desmontar” o discurso da classe média, sobre “os lugares de servidão e inferioridade” que alguns corpos ocupam na sociedade brasileira, como mostrado no quadrinho, com o corpo de uma mulher negra, Edinéia, figura central da narração e enfatizar a luta para que sua filha pudesse seguir outros caminhos profissionais.

Na segunda edição, temos dois quadrinhos que remetem à maternidade e ao cuidado em relação ao bem-maternal. O Quadrinho da Manzanna, ilustradora e tatuadora de Minas Gerais, mas que mora no Ceará, vemos uma narrativa que mostra uma relação parental. Esse quadrinho foi publicado no mês de maio de 2021 no site da Mina de HQ, para comemorar o mês da Maternidade e foi publicado na revista impressa na segunda edição de dezembro de 2021. A narrativa traz a perspectiva em torno das gerações e de suas diferenças, pois “depois de uma certa idade a gente passa a retribuir um pouco de tudo que aprendeu com nossas mães”. (MINA DE HQ, 2021). A personagem que se criou neste quadrinho é muito semelhante à identidade visual da logo da revista MHQ, pois foi criada pela mesma quadrinista, Manzanna, ao ilustrar a hipotética mãe da Mina (figura de uma mulher jovem presente na logo da Mina de HQ), para que pudesse também participar dessa narrativa visual.

Figura 29 - O que os filhos ensinam às mães?



Fonte: MANZANNA (2021, p. 70).

O segundo quadrinho é de Helô Rodrigues, ilustradora e quadrinista do Pará, membro dos coletivos como “Açaí Pesado e o Mágico Se”. Os seus trabalhos valorizam as suas origens, seu estado e sua cultura, com foco em seu trabalho que dá ênfase à representatividade feminina. Como podemos observar no quadrinho, a relação do cuidado está presente nesta narrativa representada na figura da avó. Não poderia deixar de lado e não abordar aqui esse quadrinho, ao nos darmos conta do papel que avós exercem como criadores/cuidadores nas relações das famílias brasileiras contemporâneas. Na representação da artista, a avó representa sentimentos de afeto e de autoridade, exemplificando as várias configurações de cuidado.

Figura 30 - A vida é impermanente



Fonte: RODRIGUES, Helô (2021, p. 48)

A terceira revista da Mina de HQ, lançada em dezembro de 2022, apresenta um quadrinho exclusivo usado durante a campanha eleitoral para conscientização por meio das redes sociais, com especial relevo para o debate em torno da participação das mulheres na política institucional e legislativa. Esse quadrinho abaixo não traz especificamente só as pautas maternas, mas coloca e destaca questões essenciais às lutas dos movimentos feministas, que impactam na maternidade e o cuidado.

Fonte 31 - Por que votar em mulheres?



Fonte: KARIPOLA, (2022, p. 6)

As HQs sempre foram uma “arte política”, segundo Gabriela Borges (2022), e é esta a temática da narrativa gráfica apresentada pela quadrinista Jenya Polosina, uma artista de origem ucraniana. Para a quadrinista, o fazer dos quadrinhos naquela situação de refugiadas, foi uma forma que encontrou de se ter registro histórico, de que ela pudesse também refletir sobre a situação de refúgio e de deslocamento forçado. Gabriela Borges nota que “todos os quadrinhos, pôsteres e ilustrações que são feitos hoje são importantes documentos históricos dessa guerra. A guerra moderna ocorre não apenas no campo de batalha, mas também no campo informacional e cultural. “(BORGES, 2022, p. 22). Nessa matéria, as artistas ucranianas Anna Ivanenko e Jenya Polosina mostram as experiências das mulheres durante a guerra, falam da vulnerabilidade das mulheres refugiadas no exterior sozinhas ou com seus filhos e narram as violências sexuais por elas sofridas.

Veena Das, em um artigo recente para o site da *American Ethnologist*, lança perguntas inquietantes ao leitor sobre as novas modificações do capital no mundo globalizado e sobre as forças que comandam a indiferença para com os vulneráveis globais. Essas perguntas se referem especificamente a como a antropologia deve se situar para compreender a contemporaneidade e suas crises. [...]. Ela propõe então que a antropologia pense de novo sobre as categorias humano e humanidade expostas nessa crise epidêmica mundial. E nessa proposta de reflexão ela pergunta se há uma relação entre o humano e um humano. E se há uma maneira diferente de falar do humano quando a existência humana se encontra posta em risco (KOURY, 2020, p. 4)

Figura 32 – Guerra na Ucrânia



Fonte: BORGES, Gabriela (2022, p. 28).

O outro quadrinho apresentado é o de Jessica Groke, quadrinista de Minas Gerais, que mora atualmente em São Paulo e que toca em debates sobre fala da memória afetiva. Segundo a revista *Mina de HQ* (2022), Jessica começou a fazer quadrinhos de forma independente em 2018, recebeu o troféu HQMIX na categoria novo talento na categoria roteirista. Essa narrativa poderia ser encarada a partir do que aponta Sylvia Caiuby Novaes (2008, p. 467) quando discorre sobre como no caso de algumas imagens se podem “associar algumas formas ou objetos, a pessoas ou seres específicos, certos cheiros evocam a infância etc. Esta capacidade de metáfora e sinestesia é muito mais acentuada nas imagens quando comparadas ao texto verbal.”

A narrativa apresentada fala do olhar e da memória afetiva da filha em relação à mãe. Ao ler esse quadrinho, eu reflito sobre vários vieses de interpretação, dilemas e conflitos, que



perpassam as questões de cuidado e a maternidade e dos afetos construídos nessas relações parentais. Volto a pensar aqui sobre como os quadrinhos são também materialização da feminilidade, tal como indica Amanda Miranda (2020), no quadrinho sobre a materialização da feminilidade e me remete também às questões levantadas pela antropóloga Sônia Maluf (2013), no texto, “Por uma antropologia do sujeito: da pessoa aos modos de subjetivação”, quando ela nota,

[...] como é difícil, no caso do gênero, pensar a materialidade sem resvalar novamente no biológico ou na visão do corpo (e no sexo) como nosso último reduto de natureza. A materialidade do gênero não é o sexo biológico, mas os efeitos da diferença (social, simbólica e política) nos corpos, na vida e na trajetória e experiência cotidiana e histórica das mulheres, de diferentes mulheres. E para cada uma dessas diferentes mulheres, há diferentes materialidades a serem abordadas, compreendidas, transformadas. (MALUF, 2013, p. 147).

Figura 33 - O que te traz lembranças?



Fonte: GROKE, Jéssica (2022, p. 47)

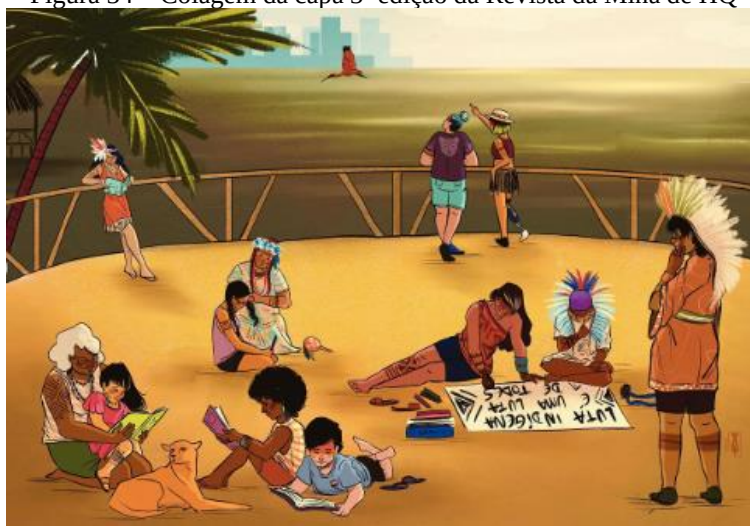
“O cheiro de alho que nunca saiu dos dedos da minha mãe”. Essa frase parte da memória afetiva da filha. E, ao ler esse quadrinho, pensei sobre a perspectiva de mãe, na questão colocada por Sônia Maluf (2013), “diferentes mulheres, há diferentes materialidades a serem abordadas, compreendidas, transformadas”. Nessas diferentes mulheres, diferentes



perspectivas e circunstâncias, pertencente a esfera privada, pessoal, inspiro-me a pensar no papel invisibilizado do trabalho doméstico, conjunto de práticas, ações caracterizado como serviço “feminino”. Para Silvia Federici (2019), esse termo se tornou sinônimo de “dona de casa”, onde as mulheres carregam esse estigma de “habilidades doméstica” desde o nascimento. “É por isso que as possibilidades de emprego para mulheres são tão frequentemente uma extensão do trabalho doméstico, e o nosso caminho ao assalariamento muitas vezes nos leva a mais trabalho doméstico.” (Silvia Federici, 2019, p. 76). O significado do cheiro de alho nas mãos pode nos remeter a várias circunstâncias, subjetividades e às relações sociais afetos e desafetos.

O Terceiro quadrinho se trata de uma narrativa que aborda realidades sociais e culturais indígenas, intitulado “somos semente”, de autoria da quadrinista indígena Tai Silva ou TΔI, nativa de Mairi Tupinambá ou, como se diz hoje, Belém.<sup>52</sup> A artista que assina a capa da 3ª edição de 2022 da Mina de HQ. Na revista se narra que “em seus trabalhos de ilustração e histórias em quadrinhos, Tai busca falar sobre representatividade e empoderamento, se inspirando principalmente nas narrativas de mulheres e da população LGBTQIA+ amazônidas, resgate da cultura ancestral da região em que pertence, com conexão com a fauna, flora, comunidades e os espíritos da floresta.” (Mina de HQ, 2022).

Figura 34 – Colagem da capa 3ª edição da Revista da Mina de HQ



Fonte: SILVA, Tai (2022)

<sup>52</sup> Na revista da Mina de HQ, senti falta da apresentação dessa artista, busquei no site da Mina, nas redes sociais informações. No site do Omelete, tem uma pequena chamada sobre a 3. ed. da revista da Mina de HQ, e um breve texto sobre a autora, que fez o quadrinho “somos semente” e também a capa da revista. Referência: ASSIS, Érico. Omelete: enquanto isso a semana mais bagunçada da nossa história que também pode trazer uma decisão importante para o quadrinho brasileiro, 30 set. 2022. Disponível em: [https://www.omelete.com.br/quadrinhos/enquanto-isso-92?utm\\_campaign=news\\_mhq\\_55\\_revista\\_news\\_4\\_-\\_060922&utm\\_medium=email&utm\\_source=RD+Station#25](https://www.omelete.com.br/quadrinhos/enquanto-isso-92?utm_campaign=news_mhq_55_revista_news_4_-_060922&utm_medium=email&utm_source=RD+Station#25). Acesso em: 13 mar. 2023.

Com cores fortes e vibrantes, criação da artista, Tai utiliza da representação da diversidade de mulheres indígenas amazônidas, “sejam elas aldeadas ou em contextos urbano, unidas para a luta, ressaltando a importância da luta coletiva para a sobrevivência de todes”. (TAI SILVA, 2022).

Figura 35 - Criação da quadrinista indígena Tai



Fonte: MINA DE HQ, (2022).

No quadrinho “somos sementes”, a artista mostra o papel político que as mulheres indígenas, na figura de um mãe, como mostra na figura abaixo, que lutam para manter e retomar a memória dos ancestrais e honrar aqueles que bravamente morreram lutando para que os povos originários estivessem aqui hoje.

Figura 36 – Colagem do quadrinho “somos semente”



Fonte: SIVA, Tai (2022, p. 66)

O último quadrinho apresentado da terceira edição da revista é o da quadrinista Thaïs Kisuki, que é artista paraibana, formada em arte e mídia e autora das tirinhas Olga, a sexóloga, desde 2009. Com o Coletivo WC de quadrinistas paraibanos, lançou a revista Sanitário e publicou tirinhas nos jornais A União, na Folha de São Paulo, O Beltrano e foi colaboradora do Lady's Comics. Foi responsável pela Gibiteca Henfil na Funes<sup>53</sup>, onde idealizou o “Quadrinhos Intuados – Encontro regional sobre histórias em quadrinhos”. Atualmente faz parte dos grupos Políticas e Quadrilha<sup>54</sup>.

Seus quadrinhos mostram uma linha cronológica desde a gravidez, os primeiros meses, os primeiros passos, uma romantização da maternidade, a cobrança social por comportamentos maternos, algo que é incompatível e que contribui para o adoecimento mental, para os desafios de cuidar de uma criança, e os processos e afetos durante o torna-se-mãe, a construção e reconstrução do processo de maternagem.

Figura 37 – Colagem do quadrinho para o Dia das Mães”



Fonte: KISUKI, Thaïs (2022, p. 50)

Donna Haraway (1995), nos diz em seu texto “Saberes localizados” que devemos compreender onde estamos enquanto pensadoras para que nossas reflexões sejam produzidas a partir de uma objetividade corporificada. Em certo sentido, essas narrativas gráficas apresentadas nesse capítulo são recortes do meu posicionamento sobre o campo estudado. Eu

<sup>53</sup> A Fundação Espaço Cultural – FUNESC, entidade sem fins lucrativos de caráter cultural, social e educacional, em João Pessoa na Paraíba.

<sup>54</sup> Apresentação foi retirada da revista: Mina de HQ,

poderia escolher uma infinidade de quadrinhos e categorias no interior das revistas da MHQ aqui elencadas para serem analisados mas, como exemplifiquei no início do capítulo com a tabela 1, devido a minha aproximação com a quadrinista Cátia Ana, artista de Goiânia e a sua relação e conexão com a Mina de HQ, escolhi da relevo ao debate sobre maternagem e cuidado e também num esforço de compreender os processos artístico da quadrinista e dos trabalhos e dos agenciamentos engendrados pela mídia e pelas várias edições da publicação MHQ.

## 5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO

Como foi difícil sair do trabalho de campo, se é que eu saí do “campo”. Os quadrinhos fazem parte da minha memória e emoções. As leituras de histórias em quadrinhos trazem conforto e aconchego, são para mim também momentos de lazer. Durante esses dois anos de mestrado, entre o trabalho de campo, a escrita no diário de campo, a escrita dessa dissertação, maternidade, afazeres domésticos, eu me voltei para as minhas leituras de HQs, mas percebi que, depois desta experiência de pesquisa, que a leitura dessa mídia não será como antes, pois me pego fazendo reflexões a partir das narrativas e começo a construir conexões com os saberes antropológicos e feministas com os quais tive contato e que foram pressupostos teóricos e políticos de minha investigação no mestrado.

Escrever sobre as experiências desses dois anos e “tentar” finalizar a pesquisa (final, tenho um prazo para concluir e cumprir), coloquei o verbo entre aspas, pois essa pesquisa não está sendo finalizada com a entrega desta dissertação. Por esse motivo, escolhi colocar as minhas considerações sobre o estudo, pois penso que não caberia aqui propriamente uma conclusão ou as considerações finais. Essa etnografia é uma síntese do meu campo de pesquisa, mas imagino que o campo e a pesquisa ainda está em andamento, ainda está se desenvolvendo, de forma subjetiva, em mim mesma. Todo o trabalho acaba por ser, em certo sentido, recortes da realidade apresentada, permeadas pelas minhas posicionalidades, subjetividades, no sentido que Strathern (2013) nos fala que a etnografia é, de certa forma, um empreendimento que envolve esforços ficcionais, mesmo que a referência seja um trabalho e o campo empírico em que foi realizado, a partir do qual a pesquisa e a própria etnografia ganha corpo.

Partindo dessas ficções e recortes parciais dessa experimentação etnográfica, entre métodos e teorias, esse trabalho foi um laboratório de experiências, no sentido de pensar e repensar o trabalho de campo, as questões éticas, as experimentações da etnografia compartilhada com a quadrinista Cátia Ana, nas abordagens das narrativas gráficas, nas práticas e sociabilidades que o fazer quadrinhos acontece e se desenvolve. Foi também um laboratório pessoal, marcado por amadurecimentos, como pesquisadora antropóloga e como feminista.

Na minha trajetória dos estudos em torno dos feminismos, busquei desconstruir meu próprio olhar, e por este motivo coloco aqui no plural o termo, pois ao longo dessa caminhada acadêmica, tive que sair do conforto no sentido de olhar e me abrir para novos debates,

saberes do feminismo negro, feminismo decolonial, feminismo *queer*, feminismo contemporâneo. Como mencionei na introdução desta pesquisa, quando iniciei o mestrado o meu conhecimento sobre estes movimentos era pautado na luta de mulheres majoritariamente brancas. E, ao afirmar tal coisa, não se quer de forma alguma desmerecer o trabalho teórico e político dessas ativistas. Hoje percebo que ficar nesse lugar era confortável, era mais cômodo fechar os olhos para alguns problemas que me cercavam.

Nesse percurso de estudos e vivências por meio das histórias em quadrinhos, principalmente naqueles realizados por mulheres quadrinistas, artistas, ilustradoras, a editora chefe da Mina de HQ, pude ter contato com pontos de vista muito variados e com as disputas e polêmicas que permeiam estes universos. Os estudos da antropologia feminista possibilitaram trazer questões e maior reflexão ao trabalho de campo que realizei. Nessa nova compreensão, atribuo às diversas leituras e ao movimento de resgate histórico dos movimentos de mulheres quadrinistas e pesquisadoras, sob um olhar socioantropológico quanto as questões de subjetividade. As vivências dessas mulheres nesse universo me permitiram olhar para várias narrativas de lugares e regiões distintas e como se dão suas intersecções em termos de gênero, raça/cor etnia, classe social e sexualidade.

O trabalho de campo foi um desafio exaustivo, pois apresentava várias possibilidades e num desafio de deixar o campo falar sem pressuposições e certezas. Desenvolver um trabalho com um tipo de metodologia e epistemologia no contato com a antropologia foi um desafio, pois venho de outra área, com métodos rígidos e com seus próprios fazeres disciplinares. Desenvolver o método-teoria em campo, possibilitou olhar para os quadrinhos com uma leitura mais atenta e comprometida, buscando articulações com a antropologia visual e das emoções, feministas, afetos. As direções que fui trilhando, e que compõem esta etnografia, mostram a complexidade de se fazer quadrinhos e também alguns dos dilemas e conflitos em se fazer etnografia. Ao mesmo tempo, foi gratificante as amizades estabelecidas, o compartilhamento de informações, as vivências e as relações construída em campo, que possibilitaram compreender e conhecer a arte de se fazer quadrinhos na contemporaneidade.

As mulheres apresentadas na pesquisa, como foi mencionado no primeiro capítulo, as parcerias, as construções de redes, fazem-se necessárias no universo dos quadrinhos, como forma de unir forças entre si, formando-se conexões que possibilitam dar visibilidades aos trabalhos independentes, estabelecendo-se laços e criando trocas. Comecei o campo, com muita insegurança e timidez. Compartilho as imagens abaixo para elucidar as trocas



estabelecidas durante esses dois anos de contato com as interlocutoras, as amizades com as redes de mulheres pesquisadoras, artistas, e os laços de afetos.

Figura 38 - Oficina criando histórias em quadrinhos



Fonte: Acervo da pesquisadora

Na figura 38, mostra a oficina realizada pela quadrinista Cátia Ana, no dia 29 de maio de 2023, na III Semana de Arte, Cultura e Integração do IF Goiano – Campus Trindade. Com o apoio e disponibilidade da artista, em parceria com o Sistema de Bibliotecas da UFG, montamos a exposição Quadrinhos Viajantes: histórias das histórias em quadrinhos no Brasil, e exposição do acervo de HQs e zines da quadrinista, e a oficina criando histórias em quadrinhos, acompanhar essa atividade da artista, juntamente com as/os adolescentes, foi fundamental para que eu pudesse compreender os processos criativos da Cátia Ana e das/dos adolescentes que participaram da atividade.

Figura 39 – Colagem de fotos da Oficina e da Exposição de HQs

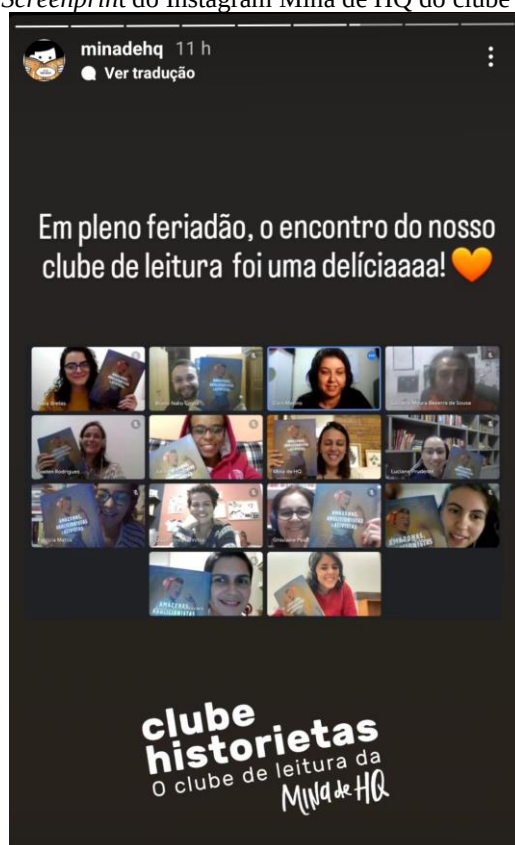


Fonte: Acervo da pesquisadora.



No dia 08 de junho de 2023, tive a oportunidade em participar da 13ª edição do Clube Historietas, o clube de leitura de quadrinhos da Mina de HQ, com a leitura do *Graphic novel* “Amazonas, abolicionistas e ativistas”, da norte-americana Mikki Kendall em quadrinhos, com a presença de Gabriela Borges (fundadora da Mina de HQ e interlocutora dessa dissertação) e das pesquisadoras Dani Marino, Nara Bretas (pesquisadoras citadas nesse trabalho) e a artista e pesquisadora Cátia Ana (interlocutora dessa pesquisa). Como Joane Rappaport (2007), fala que a coleta de dados e o campo deve ser um espaço de construção coletiva, aproveitei o momento do encontro e da discussão sobre as produções de mulheres, para compartilhar e agradecer a essas mulheres, por seus trabalhos, pesquisas acadêmicas, quadrinhos.

Figura 40 – Screenprint do Instagram Mina de HQ do clube Historieta 13ª



Fonte: Acervo da pesquisadora

O fazer quadrinhos por mulheres é fazer novas combinações, construir novos mundos, como nos aponta Gilberto Velho (2012, p. 27), quando diz que ao fazermos isso estamos “em ritmos e velocidades diversificados, juntando fragmentos e pedaços de vários mundos, numa fascinante bricolagem. Longe de serem meras sobrevivências de um passado arcaico, são ativas construtoras de novos mundos, em que hierarquia e individualismos, tradição e modernidade são transformados em instigantes metamorfoses”.

Essas instigantes transformações, que o segundo capítulo abordou, destaquei nas discussões do trabalho de campo *on-line e off-line* e no desenvolvimento de uma etnografia em múltiplos espaços. Desenvolver etnografia nesses diferentes lugares e contextos, me permitiu entender que a internet, se torna um lugar cultural de sociabilidades, desenvolvidas em locais como os das feiras de produção independente. O trabalho da MHQ vai além de uma mídia que busca o incentivo à leitura, pois é uma ferramenta “ativista”, são “políticas narrativas envolvidas na construção de agência” (ORTNER, 2007, p.59).

As livrarias, as feiras de produção independentes, são espaços de sociabilidades, que estão além de ser um lugar para comércio, venda e distribuição de histórias em quadrinhos. Mas participar desses eventos gera custo financeiro e de tempo, e exige do artista novas posturas diante dessas incertezas. Ao adentrar em campo, pude perceber os caminhos que várias artistas vão tentando driblar, numa forma de responder às questões econômicas que podem ser limitantes, para serem vistas/os no meio cultural das produções independentes de HQs. Tal como no caso da mídia Mina de HQ com o qual trabalhei nesta pesquisa, lançar oficinas pagas sobre histórias em quadrinhos em plataformas digitais, lojas virtuais, participar de plataformas de financiamento coletivo, são forma encontradas para viabilizar sua existência, organizando-se por meio do apoia-se mensalmente, com financiamento coletivo, destinando o dinheiro arrecadado para mediar e incentivar financeiramente a continuidade do trabalho feito pelas artistas que participam da publicação e da plataforma.

A maioria das participantes do clube de historietas, as mulheres com as quais conversei nos eventos *on-line e off-line*, vem do movimento do feminismo contemporâneo, que se utiliza da internet como lugar de divulgação dos seus trabalhos. Por um lado, se beneficiam do maior alcance dos meios digitais, mas por outro, fui percebendo em campo, este tipo de abordagem também apresenta dificuldades em se trabalhar na internet e com redes sociais, pois gerar conteúdo diariamente, para se manter visível é desafiante, sendo que muitas vezes nem sempre se tem o alcance esperado ou desejado. O adoecimento, a sobrecarga da pandemia, questões sobre saúde mental, foram bastante discutidos nas redes, em *lives*, em participação em eventos acadêmicos voltados aos quadrinhos e gêneros durante meu trabalho de campo. Outro ponto levantado e discutido nos trabalhos da Mina de HQ, e com a artista Cátia Ana, foi a questão de plágio. Cátia Ana modificou no início do ano de 2023 a forma de divulgação do seu trabalho, por questões que envolviam plágio e a divulgação de suas imagens sem indicar explicitamente a autoria dos desenhos.

O terceiro capítulo sobre as narrativas gráficas das revistas da Mina de HQ, o recorte utilizado sob o marco teórico das agências interseccionais, as várias formas de maternidade e suas construções sociais, o campo de estudos de gênero e os processos de subjetividades na prática de se fazer quadrinhos, trazem novas perspectivas sobre o cuidado e sobre a maternagem. Também, como contribuição um exercício que desenvolvi sobre ao refletir a maternidade como um marcador social da diferença.

Espero que essa pesquisa se conecte com outras etnografias, com novas histórias, tal como Emil<sup>55</sup> (2021, p. 6) aponta na entrevista a Mina de HQ, “essa ideia de nos conectarmos através de histórias é tão importante, talvez seja uma das coisas mais significativas que nós artistas podemos oferecer.” É essa conexão de histórias que o campo antropológico, que o fazer etnográfico, as referências e políticas feministas acabam por abrir, apontando para as várias possibilidades que o conhecimento do outro pode nos oferecer, nos marcar e afetar.

Figura 41 – Entrevistas ilustradas Emil



Fonte: GÜLLICH, Gabriela (2021, p. 8)

<sup>55</sup> Emil Ferris, escritora, cartunista e quadrinista norte-americana, autora de *Minha coisa favorita é monstro*. (MINA DE HQ, 2020).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, Lila. **A escrita dos mundos de mulheres**: histórias beduínas. Trad. de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2020.
- ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. **Equatorial**, v. 5, n.8., 2018.
- ACEVEDO, Mariela. Um sussurro contagiante. **Revista Mina de HQ**, n. 1., p. 26-29. dez. 2020
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1. p. 229-236, 2000.
- AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119., jan./ jun. 2016.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado**: o Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBIERI, Daniele. **As imagens dos quadrinhos**. Tradução: Thiago de Almeida Castor do Amaral. São Paulo: Peirópolis, 2017.
- BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n.3, p. 577-587, 2012.
- BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Estudos feministas**, ano 3, n. 2, 1995.
- BARROS, Ana Paula Oliveira. **Homens e mulheres produtores de HQ**: discursos sobre o corpo e a sexualidade da mulher na Indústria Cultural. 2017. 265 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.
- BEHAR, Ruth. (1996) “Anthropology that breaks your heart”. BEHAR, Ruth. **The Vulnerable Observer: anthropology that breaks your heart**. Boston: Beacon Press. Pp. 161-177.
- BOFF, Ediliaine de Oliveira. **De Maria a Madalena**: representações femininas nas histórias em quadrinhos. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- BORGES, Gabriela. Gênero e representação nas histórias em quadrinhos. In: MARINO, Dani; MACHADO, Laluña (org.). **Mulheres e quadrinhos**. São José: Skript, 2019. p. 181-186.
- BORGES, Gabriela. **Encuentre su clítoris**: observaciones sobre uma revista de historieta de gênero em Argentina. Paraíba: Marca de Fantasia, 2020
- BRANDÃO, Deyse de Fátima do Amarante. **Estamos vivos e produzindo**: narrativas, práticas e visualidades do fazer quadrinhos em Natal (RN) e João Pessoa (PB). 248 f. Tese

(Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2021.

BRANDÃO, Deyse de Fátima do Amarante. Notas Exploratórias sobre Agências, Discursos e Representações de Gênero: um olhar sobre a produção quadrinística Olga, a Sexóloga. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 115-129, maio, 2021.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. Imagem, magia e imaginação: Desafios ao texto antropológico. *Revista Mana* 14(2). pp. 455-475, 2008.

CAMPOS, Ricardo. A cultura visual e o olhar antropológico. **Visualidades**, Goiânia, v. 10, n. 1, jan-jun, p. 17-37, 2012.

CLIFFORD, James. **Introdução: Verdades Parciais**. Ed.UFRJ. Papeis Selvagens. Rio de Janeiro. 2016.

COAN, Samanta. Que nossas vozes sejam ouvidas. **Mina de HQ: um olhar independente, feminista e com perspectiva de gênero sobre as histórias em quadrinhos**, Florianópolis, n. 1, p. 42-43, dez. 2020,

CRENSHAW, Kimberlé. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: [InterseccionalidadeNaDiscriminacaoDeRacaEGenero\\_KimberleCrenshaw.pdf](#). Acesso em: 01 maio 2023.

CUNHA, Jaqueline dos Santos. **A representação feminina em mulher pantera e mulher maravilha**. 2016. 151 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, GO, 2016.

CUNHA, Jaqueline dos Santos. Mulheres nos Quadrinhos: Trina Robbins. **Delirium Nerd**, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2019/06/27/trina-robbins-mulheres-nos-quadrinhos/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

DAS, Veena. **Tessituras, texturas, treliças e tramas: o cotidiano, o ordinário e a tarefa da antropologia**. Tradução de: Carolina Parreiras. *Sociol. antropol.* Rio de Janeiro, v.11. n. 3., 1101–1106, set. dez., 2021

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. Quadrinhos de não ficção. In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Belo Horizonte, MG, 2003.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo**. In: **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 243-255.

EUGÊNIO, Jéssica Daminelli. A legião de mulheres nos quadrinhos do Brasil. In: MARINO, Dani; MACHADO, Lulu (org.). **Mulheres e quadrinhos**. São José: Skript, 2019. p. 215-220.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução de Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução**. Tradução Coletivo Sycorax. Editora Elefante, 2019.

FERREIRA, Glaucio Batista. **Arte, ativismo e espaço urbano na Baía de São Francisco através das ações do Queer Women of Color Media Arts Project – QWOCMAP**. 2017. 399 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2017.

FONSECA, Mariamma. Mulheres negras nos quadrinhos: empoderamento e afirmação identitária. **Risca**, Belo Horizonte, MG. n. 1., p. 27–40, nov. 2015.

FRANK, Priscilla. **A história radical e empoderadora da primeira história e quadrinhos feministas feito por mulheres**. 2016. Disponível em: A história radical e empoderadora da primeira história em quadrinhos feminista feita por mulheres – Geledés (geledes.org.br). Acesso em: 06 jul. de 2021.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

GOLDMAN, Márcio. **Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica**. **Etnográfica**, v. 10, n. 1, p. 113-148, 2006.

GRIMSHAW, Anna; RAVETZ, Amanda. **Desenhar Com Uma câmera?** Filme etnográfico E Antropologia Transformadora. Tradução De Tatiana Lotierzo E Luís Felipe Kojima Hirano. GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia, São Paulo, v. 6, n. 1, 2021.

GULLICH, Gabriela. Entre quadros: entrevista ilustrada. **Revista Mina de HQ**, edição 1, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 5, pp. 07-41, 1995.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações, Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97, 2015.

HINE, Christine. A internet 3E. Uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo**, vol. 29, n.2, p. 01-42, 2020.

HIRANO, Luis Felipe kojima; ACUÑA, Mauricio; MACHADO, Bernardo. **Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções**. Goiânia: Editora imprensa universitária, 2019. p. 20 -26.

hooks, bell. Ensino 16: revolução feminista. In: hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020. p. 144 – 149.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. p. 223-234.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KISUKI, Thaïs. Um quadrinho para o Dia das Mães. **Mina de HQ**, Florianópolis, SC, n. 3., dez., p. 50, 2022

KITZINGER, Sheila. **Mães**: um estudo antropológico da maternidade. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Antropologia e situações-limites: neoliberalismo e pandemia. **Dilemas**, Reflexões na Pandemia, Rio de Janeiro, p. 1-8, 2020.

KUHNERT, Duda. Performers são, antes de tudo, complicadores culturais. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Explosão feministas**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo, 2018.

LADYCOMICS. Disponível em: <http://ladyscomics.com.br/>, acesso em: 05 fev. 2023.

LAGE, Nara Bretas. **Aconteceu comigo**: mulheres, narrativas de vida e violências nos quadrinhos de Laura Athayde. 2022. 328 f. Tese (doutorado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos de Linguagem, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2022.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 239-249.

LUGONES, María. Rumo ao feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 357-376.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. Prefácio: sou a mulher que sou e não aquela que os outros querem que eu seja. In: MARINO, Dani; MACHADO, Lulu (org.). **Mulheres e quadrinhos**. São José: Skript, 2019. p. 21-27.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978

MALUF, Sônia Weidner . A antropologia reversa e "nós": alteridade e diferença. **Ilha**. Revista de Antropologia:Florianópolis. v. 12, p. 41-56, 2010.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 69-82, 1999.



MALUF, Sônia Weidner. Além do templo e do texto: desafios e dilemas dos estudos de religião no Brasil. **Antropologia em Primeira Mão**, v. 124, p. 05-14, 2011a.

MALUF, Sônia Weidner. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. 2001.

MALUF, Sônia Weidner. Por uma antropologia do sujeito: da Pessoa aos modos de subjetivação. **CAMPOS** (UFPR), v. 14, p. 131-158, 2013.

MANDRAKE Fest: Papo de Quadrinista com Cátia Ana. Goiânia, 2022. 1 vídeo (1h e 10 min). Publicado pelo canal Mandrake Comic Shop. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QldmOeharNU>. Acesso em: 17 mar. 2022.

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, California, v. 24, p. 95-117, 1995.

MARINO, Dani; MACHADO, Laluña (org.). **Mulheres e quadrinhos**. São José: Skript, 2019. 504 p.

MESSIAS, Carolina Ito; GRIPPA, Giulia. Mulheres nos quadrinhos: invisibilidade e resistência. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. São Paulo: USP, 2017.

MINA DE HQ. Canal do youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@MinadeHQ>. Acesso em: 5 maio 2022

MINA DE HQ: histórias em quadrinhos mais diversas. Disponível em: <https://minadehq.com.br/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

MINA DE HQ. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/minadehq/>. Acesso em: 5 maio 2022.

MINADE HQ. Mídia kit. Disponível em: <https://minadehq.com.br/o-que-fazemos/>. Acesso em: 13 jun. 2022

MOREAU, Diego; MACHADO, Laluña. Não sou eu, bebê. In: MOREAU, Diego; MACHADO, Laluña. **História dos quadrinhos**: EUA. São José: Skript, 2020. p. 448- 461.

NOGUEIRA, Natania A. Silva. Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL. **Revista História, imagem e narrativas**, n. 10, 2010.

NOGUEIRA, Natania A. da S. Ah! Nana: a revolução feminina nos quadrinhos franceses. In BRAGA JR, Amaro X.; NOGUEIRA, Natania A. da S. (org.). **Gênero, sexualidade e feminismo nos quadrinhos**. Leopoldina, MG: ASPAS – Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial, 2020. p.41-63.

NOGUEIRA, Natania. Rian: caricatura e pioneirismo feminino no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: ANPUH, 2011.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao quadrado**: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias. Brasília: Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter (org.). **Conferências e Diálogos**: saberes e práticas antropológicas. 25º Reunião Brasileira de Antropologia - Goiânia 2006. Blumenau: Editora Nova Letra, 2007. pp. 45-80.

PEIRANO, Marisa. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: PEIRANO, Mariza. 2008. Etnografia, ou a teoria vivida (1).pdf . Acesso em: 12 jan. 2022.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos**: construindo sentido a partir de fragmentos. São Paulo: Peirópolis, 2018.

RAPPAPORT, Joane. Más allá de la escritura: la epistemología de la etnografía en colaboración. **Revista Colombiana de Antropología**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia – ICANH, v. 43, p.197-229, enero-diciembre de 2007.

ROBBINS, trina. Madrinha das HQs underground, Trina Robbins mapeia produção de quadrinistas mulheres. Cult, 26 out. de 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/trina-robbins-madrinha-dos-quadrinhos-underground/>. Acesso em: 08 jul. de 2021.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. **Horizontes antropológicos – Gênero. Revista temática semanal**, 1984.

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável**: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

SAAVEDRA, Renata Franco. Novos feminismos? Conexões e conflitos intergeracionais entre feministas. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, 2020.

SAIMAN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: Etienne Samain. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas (SP): Editora UNICAMP, 2012, v. I, p.21-36.

SANTOS, Ana Clara Sousa Damásio dos. **Fazer-família e fazer-antropologia**: uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI. 2020. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2020.

SANTOS, Maria Aparecida Brito; GRACIOSO, Luciana de Souza; AMARAL, Roniberto Morato do. As bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: uma análise de literatura científica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 2, maio/ago. 2018.

SERÁ que todas as histórias já foram contadas? Produção Mina de HQ, editora chefe Gabriela Borges. [S. l.: s. n.], 2021, 1 vídeo (7 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oVwuE7dd6BA>. Acesso em: 1 maio 2021.

SIERPINSKI, Natália Rosa Muniz. **Autoria de mulheres nas HQs no Brasil: contranarrativas das autoras premiadas na última década pelo troféu HQMIX**. 2021. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SILVA, Cátia Ana Balduino da. O diário de Virgínia: a internet como suporte de experimentação. In: I JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. São Paulo: USP, 2011.

STRATHERN, Marilyn. [1986]. *Fora de Contexto: as ficções persuasivas da antropologia*. Tradução de: Glauco Batista Ferreira. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

TRONTO, Joan. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR, Alisson; BORDO, Susan (org.). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Record: Rosa dos Tempos, 1997.

VEIGA, Ana Maria; MALUF, Sônia Weidner. Profanação e ressacralização feminista e queer no ativismo latino-americano. **EOLLES Identités et Cultures**. v.10, p.1 – 18, 2019.

VERANI, Alana Pacheco dos Reis. **Tornando-se mães e antropólogas: uma etnografia sobre experiências que desafiam ideais de maternidade e ciência**. 2022. 120 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

VELHO, Gilberto. **O patrão e as empregadas domésticas**. Sociologia, Problemas e Práticas [online], 69. 2012.

WICHES, Camila A. de Moraes. Arqueologia, gênero e diferença: notas sobre um acervo de estereótipos. In: HIRANO, Luis Felipe kojima; ACUÑA, Mauricio; MACHADO, Bernardo (org.). **Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções**. Goiânia: Editora imprensa universitária, 2019.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS QUADRINISTAS DO CENTRO-OESTE.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
MESTRANDA: LUCIANE SILVA DE SOUZA PRUDENTE  
ORIENTAÇÃO DE DR. GLAUCO BATISTA FERREIRA

### **Momento 1: Contextualização**

1. Apresentação da Pesquisadora e dos objetivos da pesquisa;
2. Informar que a entrevista será gravada e que tudo que possa identificá-las não será revelado na pesquisa, preservando o anonimato se desejarem.

### **Momento 2: Narrativas Visuais e suas relações com as histórias em quadrinhos**

1. Solicitar as entrevistadas que se apresentem e narrar suas histórias e o que motivaram a criar os perfis nas mídias sociais e divulgação dos quadrinhos na Internet;
2. Caso sintam os participantes não muito à vontade, realizar perguntas diretas, propor temas para discussão ou até citar exemplos que podem trazer resultados esperados e que o façam responder aos questionamentos.
3. Discussão sobre narrativas visuais, como você entende a sua produção visual, o que move sua produção visual, o porquê o quadrinho?

### **Momento 3: Produção cultural dos quadrinhos**

1. Como você entende com a sua produção de quadrinhos, suas performances por meio dos desenhos, a identidade de gênero, a relação como mulher, inscrições de gênero, articulação com as produções visuais?
2. Ao retratar aspectos sobre o corpo, gênero e sexualidade feminina nos seus desenhos e narrativas, quais são suas inspirações?
3. Divulgar seus quadrinhos nas redes sociais permite maior sociabilidade com outros sujeitos: leitores, fãs, ilustradores, colecionadores, pesquisadores e outros quadrinistas, essas interações impacta no processo criativo?
5. Considera que seus quadrinhos realizam certo agenciamento relacionado a questões políticas e pautas sociais?
6. Quais são suas impressões sobre o feminismo? Simpatiza com alguma pauta feminista? Se

considera feminista?

7. Participa de coletivos de mulheres quadrinistas, artistas, ilustradora. Se participa, quais são as contribuições que esse (s) coletivo (s) contribui para a cultura visual dos quadrinhos?

8. Quais são suas inspirações para o desenho do corpo feminino em seus quadrinhos? Você acha que seus desenhos e narrativas retrata a mulher contemporânea? Quais elementos você julga que são importantes para reforçar estes traços?

9. Percebemos que seus quadrinhos trata o cotidiano com humor e certa crítica social, portanto, qual é a leitura que você faz dos conteúdos que você posta nas mídias sociais?

10. Já sofreu alguma violência em eventos por ser artista mulher?

13. Quais são os maiores desafios e os problemas de gênero nos quadrinhos?

#### **Momento 4: Agradecimentos e encerramento da entrevista**

Agradecer a entrevistada acerca do tempo destinado a participar da entrevista e reiterar que as informações coletadas servirão para escrita da dissertação, preservando seu anonimato se assim forem requisitados e que em breve serão disponibilizados para elas os trechos da conversa.

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A MINA DE HQ.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIENCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
MESTRANDA: LUCIANE SILVA DE SOUZA PRUDENTE  
ORIENTAÇÃO DE DR. GLAUCO BATISTA FERREIRA

### **Momento 1: Contextualização**

1. Apresentação da Pesquisadora e dos objetivos da pesquisa;
2. Informar que a entrevista será gravada e que tudo que possa identificá-las não será revelado na pesquisa, preservando o anonimato se desejarem.

### **Momento 2: Narrativas Visuais e suas relações com as histórias em quadrinhos**

1. Solicitar as entrevistadas se apresentem e narrem suas histórias e o que motivaram a criar os perfis nas mídias sociais e divulgação dos quadrinhos na Internet; A criação do projeto Mina de HQ, a publicação das revistas.
2. Caso sinta os participantes não muito à vontade, realizar perguntas diretas, propor temas para discussão ou até citar exemplos que podem trazer resultados esperados e que o façam responder aos questionamentos.
3. Discussão sobre narrativas visuais, como você entende a sua produção visual, o que move sua produção visual, o porquê o quadrinho?

### **Momento 3: Produção cultural dos quadrinhos**

1. Como você entende com a sua produção de quadrinhos, suas performances por meio dos desenhos, a identidade de gênero, a relação como mulher, inscrições de gênero, articulação com as produções visuais?
2. Ao escolher as artistas e os temas, pretende retratar aspectos sobre o corpo, gênero e sexualidade feminina nos seus desenhos e narrativas, quais são suas inspirações?
3. Divulgar os trabalhos da Mina de HQ nas redes sociais permite maior sociabilidade com outros sujeitos: leitores, fãs, ilustradores, colecionadores, pesquisadores e outros quadrinistas, essas interações impacta diretamente nas suas escolhas e pautas da Mina de HQ?
5. Considera que as histórias de quadrinhos da Mina de HQ realizam certo agenciamento relacionado a questões políticas e pautas sociais?

6. Quais são suas impressões sobre o feminismo? Simpatiza com alguma pauta feminista? Se considera feminista? Você é adepta de alguma pauta, luta, agenda sobre os movimentos feministas? Se sim, quais são essas pautas?
8. Participa de coletivos de mulheres quadrinistas, artistas, ilustradora. Se participa, quais são as contribuições que esse (s) coletivo (s) contribui para a cultura visual dos quadrinhos?
9. Quais são suas inspirações para a escolha das quadrinista? O estilo do desenho do corpo feminino impacta na sua escolha para a publicação? Você acha que os desenhos e narrativas retrata a mulher contemporânea? Quais elementos você julga que são importantes para reforçar estes traços?
10. Percebemos que os quadrinhos da Mina de HQ tratam o cotidiano com humor e certa crítica social, portanto, qual é a leitura que você faz dos conteúdos que você posta nas mídias sociais?
12. Já sofreu alguma violência em eventos de quadrinhos por ser mulher?
13. Quais são os maiores desafios e os problemas de gênero nos quadrinhos?

#### **Momento 4: Agradecimentos e encerramento da entrevista**

Agradecer a entrevistada acerca do tempo destinado a participar da entrevista e reiterar que as informações coletadas servirão para escrita da dissertação, preservando seu anonimato se assim forem requisitados e que em breve serão disponibilizados para elas os trechos da conversa.

---